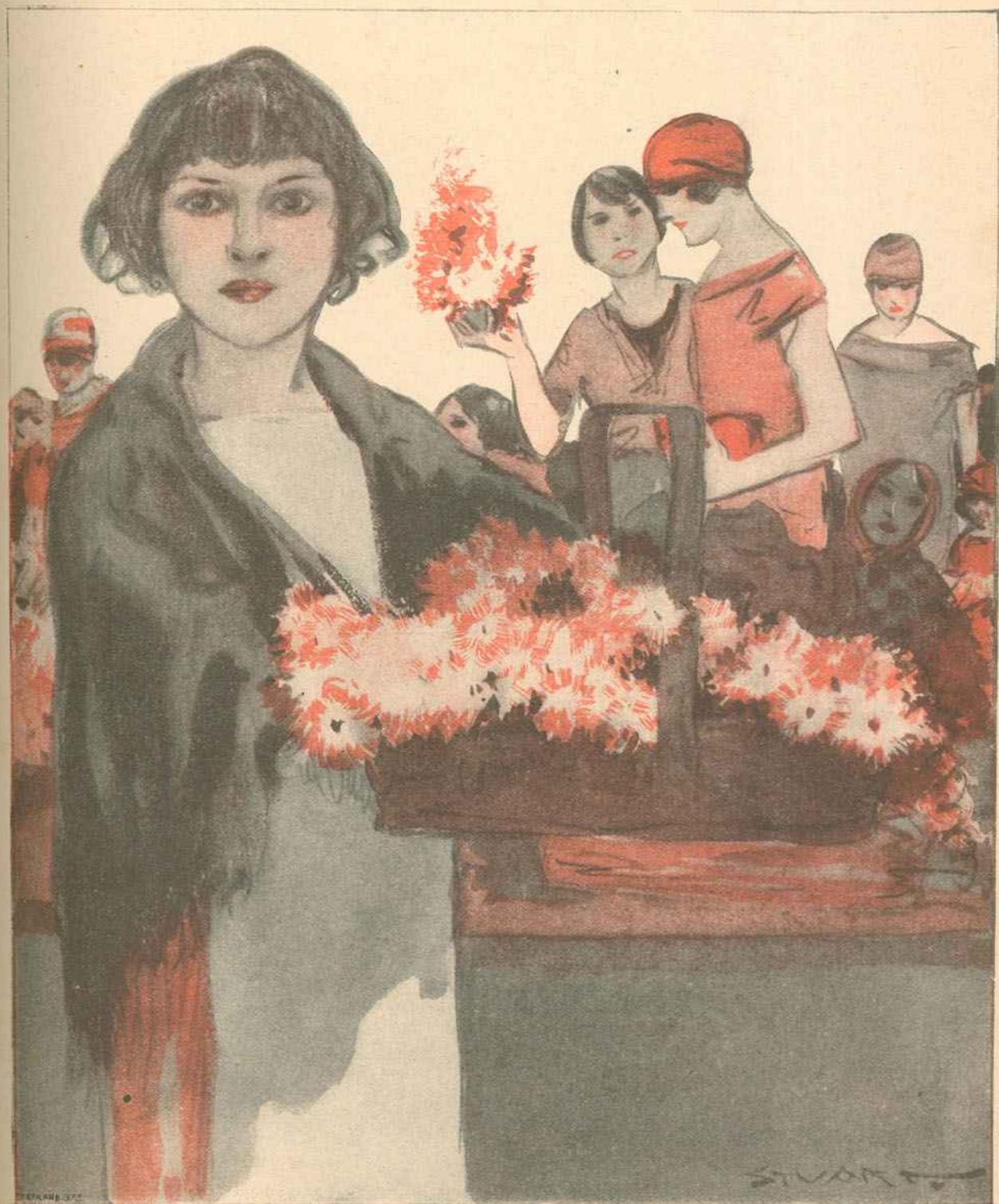


ILUSTRAÇÃO



1.º ANO — Número 15

Lisboa, 1 de Agosto de 1926

PREÇO 4\$00

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



“De Reszke” Cigarettes

À VENDA EM TODAS AS MELHORES TABACARIAS

Depositarios gerais para Portugal: **H. MITCHELL L.da** — LISBOA

Depositarios para o Norte de Portugal: **M-CROIRIE & COUTO L.da** — PORTO



Podereis usar durante meses

sem as concertar, as peugas americanas

INTERWOVEN

porque as biqueiras e os calcanhares, sitios onde assentam os pés, são feitos de um “tricot” especial entretecido, cuja solidez é garantida ao uso.

V. Ex.^a usará assim por um preço módico peugas finas e transparentes que os vossos amigos admirarão com inveja e que a vossa esposa ou criada apreciará, pois que lhes não será necessário perder um tempo precioso em concertá-las. Adoptai imediatamente a

Peuga INTERWOVEN

em algodão, lã e seda. À venda em tôdas as boas camisarias. — Agentes para revenda:

A. VINCENT, LIMITADA

RUA IVENS, 56, 2.º — LISBOA — Telefone: Central 1858



A hora da partida !

A hora da partida sôa sempre mais alegremente do que todas as outras horas das vossas férias ! E, sabeis porquê ?

Porque tendes entao perante vós — sem que um só momento lhe falte — o periodo completo dessas maravilhosas semanas que, ha tanto tempo, aguardaveis !

Um só meio, um unico, vos permite continuar a viver em pensamento essas belas horas, ainda hoje intactas mas condenadas a acabar tão cedo.

Para não esquecer estas férias leve um “Kodak”

As vossas belas fotografias “Kodak” illustrarão, para os vossos amigos, a historia das vossas férias de 1926, permitindo-vos o encontrar, em cada uma dessas pequenas fotografias, interessantes detalhes e incidentes que decerto a vossa memoria seria incapás de reter.

Para escolher o vosso “Kodak”.

Em qualquer boa casa de artigos fotogrâficos encontrareis sempre um entusiasta do sistema “Kodak” que vos auxiliará na escolba do modelo de “Kodak” que mais vos convirá, e vos ensinará o seu manejo.

Não deixe para o firm a compra do vosso “Kodak”. Poucos momentos bastam para aprender o manejo dum “Kodak”.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett. Lisboa.

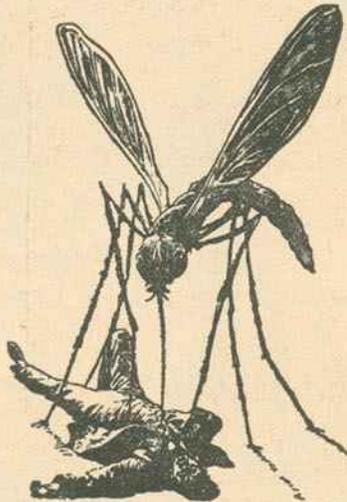
FILUDINE

combate a febre palustre

Colicas hepaticas
Cirroses
Ictericia
Dyspepsia
gastro-intestinal

Preparado nos Laboratorios do Urodonal e apresentando as mesmas garantias scientificas.

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
Monografia do D^r LEGRAND
Medico Principal da Marinha,
Laureado da Academia de
Medicina
19 de Março de 1912



O hematosuário, agente do impaludismo, é introduzido no sangue por um mosquito: o anophelis. A sciencia achou um remedio: a Filudine especifico verdadeiro do impaludismo não toxico e muito energico e cujo uso permite combater victoriosamente esse flagello que dizima as nossas colonias.

Restaura a celula hepatica
supre a insuficiencia das
secreções glandulares

Todos que tem uma doença do figado ou do baço, todos os diabeticos, todos os antigos colonias atacados pelas febres devem recorrer à FILUDINE

15 Grands Prix

Établissements Chutelain

Forneceores dos hospitnes de Paris
2, rue de Valenciennes, Paris

SINUBÉRASE

fermentos lacticos contra
Enterite - Dyspepsia - Furunculose.

A. VINCENT, L^{da} - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS - RUA Ivens, 56 - TEL. 1858 C.

DENTIFRICOS
PASTA, PÒ, OU SABÃO
DOS RR PP

BENEDICTINS
DE SOULAC



O BENEDICTIN de SOULAC é o unico DENTIFRICO cujas qualidades higienicas são appropriadas aos cuidados da bocca. É absolutamente inofensivo.

O BENEDICTIN é um producto francez UNIVERSALMENTE ADOPTADO

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL
A. VINCENT, Rua Ivens 56, LISBOA



AS MEIAS de LINHO
"PRINTEMPS"
rão de qualidade
--- GARANTIDA ---
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS, R. Ivens 56 - LISBOA

CONTRA OS MOSQUITOS



A' venda em todas as farmacias

Drogarias, perfumarias, etc.

Numerosas medalhas nas exposições

CONCESSIONARIOS:

A. VINCENT, LIMITADA

Rua Ivens, 56 - LISBOA - Telefone C. 1858

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

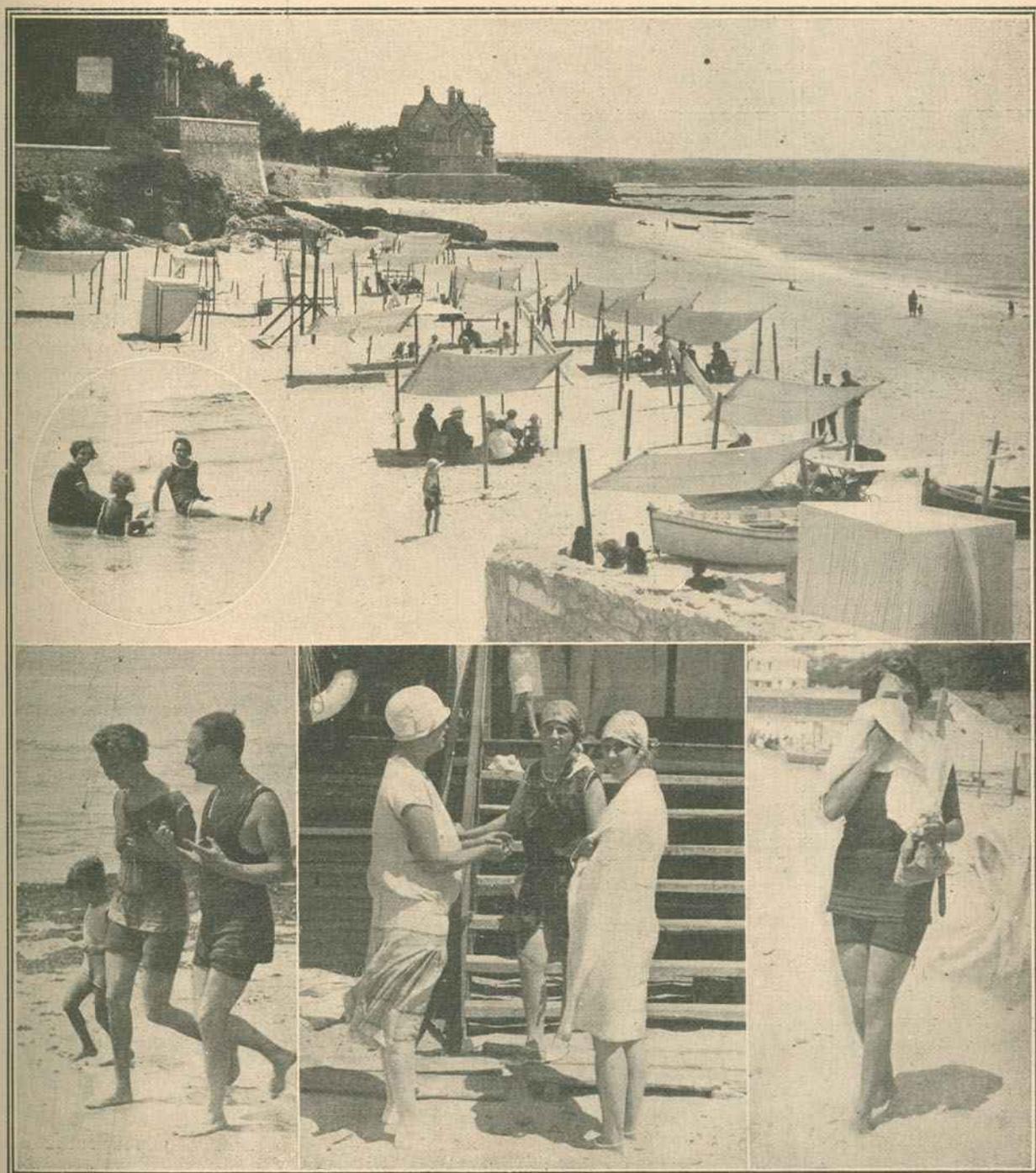
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE AGOSTO DE 1926

ANO 1.º — NÚMERO 15

A GUERRA AO CALOR, NA NOSSA CÔTE D'AZUR

O ACAMPAMENTO BALNEAR NA PRAIA DE CASCAIS



TRÊS ASPECTOS DOS ESTORIS

Ao encontro das saias andas

Um grupo de formosuras... de marca estrangeira

Fugindo à objectiva, num excesso de pudor

CRÓNICA DA QUINZENA

A crónica da quinzena que findou não tem que registar nenhum golpe de Estado — e o cronista grava já aqui o facto não só por intuitivas razões de patriotismo, mas ainda porque nem só com golpes de Estado se fazem crónicas.

A coesão militar, que durante o efémero e verboso consulado do sr. Gomes da Costa se afigurara mais como metáfora oratória do General do que, propriamente, como realidade objectiva, parece agora definitivamente estabelecida em redor do Governo a que preside com todo o seu prestigio militar e aprumo elegante o sr. General Fragoso Carmona. E se não fôra o boato, com que a imaginação pública inocentemente se desforra das dilacerações que o lapis azul da censura abre nos jornais, cortando informações que eles bem desejariam fôsem verídicas — de mistura com verdades que infelizmente pertencem à categoria das que se não podem dizer — a situação governamental deveria considerar-se absolutamente alicerçada na confiança geral, abrangendo nesta generalidade, como é obvio, todas as pessoas para quem reflectir é fechar os olhos e não pensar em coisa nenhuma...

Os partidos, argüidos de não se terem poucado a esforços para comprometer o país e não sei mesmo se de tentar modificar acintosamente a sua posição geográfica, continuaram a emitir notas officiosas em termos que a Posteridade há-de apontar, um dia, estou certo disso, como modelos lapidares de conciliação da dignidade ofendida com a prudência — que a ninguém ofende. Por sua vez, a imprensa, desejosa de evitar à censura intervenções cirúrgicas que ela não deixaria de praticar sem doloroso constrangimento, — e porque, sendo ela de Prata... Dias, não resta dúvida que, conforme já o diz a S. João Crisóstomo, o silêncio é de ouro — manteve-se também numa atitude que lustra a sua sabedoria. E se não fôsem os remoques ácidos, quasi acrimoniosos pela insistência, com que certo jornal alfinetou o sr. Ministro da Justiça, poderia asseverar-se que, duma maneira geral, os jornais se publicaram não só para não perderem o direito a que os consideramos cotidianos, mas, sobretudo, para testemunharem que a ditadura militar, que tantos apontavam com terror, não constrange, afinal, se não os que subjectivamente se comprazem em se reputar coarctados nos seus direitos inaufereveis.

Onde os ataques?

As recriminações?

As apóstrofes?

Os gritos?

Nada!

Tudo deslizou, durante a quinzena, numa

calma perfeita. Não ocorreu atentado ou desastre que pusesse em vibração a susceptível emotividade das massas. O *Carvalho Araujo*, tendo feito uma viagem excelente, chegou sem novidade a Angra do Heroísmo, onde o desembarque do sr. Gomes da Costa se efectuou com muito povo a querer ver o novo hospede histórico da ilha e uma fôrça do 25, em obediência às instruções do Governo, a fazer ao general a guarda de honra da pragmática. A nova *troupe* de atletas, posta pelo meu amigo Ricardo Covões a exhibir combatês de luta greco-romana na pista do Coliseu, continuou a chamar todas as noites às antigas Portas de Santo Antão um populacho irrequieto, apaixonado e ruidoso que se compraz em gritar — olha a perna! — sempre que está em funções um lutador da sua antipatia e, desferrando-se assim de amargos logros, volta as costas aos empregários de revoluções, cada vez mais embaraçados com falta de braços — cabeças dispensaram-nas sempre — para a montagem dos seus espectáculos.

Ou porque a sua capacidade de indignação se tivesse exgotado na verberação incandescida dos desmandos administrativos dos últimos governos constitucionais, ou porque, na realidade, o poder está realizando o milagre inefável de satisfazer pelas normas austeras da sua conduta as exigências impertérritas dos espíritos severos, o que é um facto é que o sr. Alberto Xavier, que depusera a pena fulgurante quando o sr. General Gomes da Costa se pôs a brandir a sua espada — desafiando um adversário que se obstinou em não sair a terreiro como nas anacrónicas coroações dos monarcas, em Inglaterra — não retomou ainda para a fãiscante certeza dos botes kirchofferescos a sua pena aguçada nas controvérsias e nos debates que fizeram de S. Ex.^a, nas colunas da sua gazeta, o pavor livido dos ventripotentes irrefragáveis.

Ora a opinião pública, que os desdenhosos acoimam volta e meia de simplista e não raro atesta um clarividente bom-senso, vendo emudecido o paladino indefectível dos princípios, concluiu de si para si:

— Êle que não diz nada é porque não há ponta por onde se lhes pegue. Nesse caso, toca a repousar na tranquillidade!

E assim, ao ter de tracejar o balanço da quinzena que acabou, o cronista não pode honestamente deixar de frisar que apesar do boato ter continuado a fazer o seu giro caprichoso e malévolo, o país, e principalmente Lisboa, não sofreram abalo na sua serenidade, apenas ligeiramente alterada — não pela nova emissão de notas do Banco de Portugal, que essa, sendo fiduciária, nada mais é do que a contra-partida da das notas officiosas dos partidos — mas pela galante desenvoltura com que

algumas raparigas do *Bataclan*, replicando ao *Cachexça* dos seus cartazes, apareceram na Baixa — revelando tudo.

O pudor cidadão revoltou-se. Houve apupos. Houve doéstos. Houve mesmo, ao que parece, e se mo permitem, uma tal ou qual brutalidade. Mas tudo isso se compreende e constitui, afinal, o indice de que a moralidade em Portugal, depois do 28 de Maio, — que, como se sabe, desabrochou em Braga — nem por isso passou a ser — como já para ai se insinuava com velhacaria abominavelmente jesuítica — a do famoso sapa-teiro.

Não!

Uma certa brutalidade, desde que seja em socorro da virtude ultrajada, é legitima e até nobre. Honra, pois, aos virtuosos brutamontes que, em plena cidade, souberam fazer cair sobre as transparências desavergonhadas das coristas do *Bataclan* — e com o mesmo rigor sobre duas damas que piedosamente andavam vendendo medalhinhas a favor das missões religiosas — a severidade implacável do seu anátema!

Frinê, se se despisse em Lisboa, não teria outro remédio senão fugir, sob pena dum geral — dum clamoroso protesto.

Nesta altura do século, pejada de taxímetros, admirável de elegância, fabricante de vida espiritual, Lisboa é assim virtuosa.

Veneranda matrona, eu te saúdo!

BOURBON E MENESES.

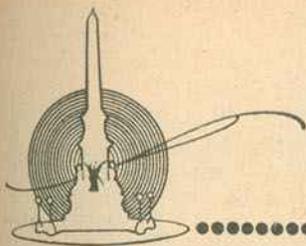
ARTE BRASILEIRA

A par das obras dos maiores artistas da nossa terra, a *Ilustração* não prescinde de dar também a conhecer aos seus leitores as algumas das mais representativas figuras da arte estrangeira. Mas, como é obvio, entre elas têm preferência as dos artistas brasileiros, na verdade ainda tão deficientemente conhecidos entre nós.

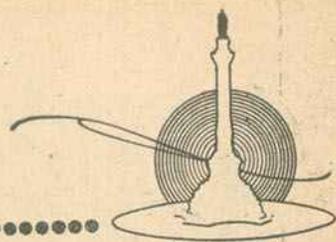
A Pedro Américo, patriarca da pintura brasileira contemporânea, cabe o primeiro lugar na galeria, visto que a sua fama não se deteve nas fronteiras da sua pátria, repercutindo-se muito mais longe, sobretudo quando expôs a grande tela *A batalha de Anahy*, elogiada por criticos de todas as nacionalidades.

Fora do género histórico, seu predilecto, o quadro que reproduzimos é, sem dúvida, um dos mais belos que a sua paleta criou. Pertença do genero do insigne artista, sr. dr. Cardoso d'Oliveira, illustre Embaixador do Brasil junto do nosso governo, essa obra inspirou a Júlio Dantas estas palavras: «nunca o talento de Pedro Américo subiu mais alto do que nesse quadro tão humano e tão simples, em que a anedota é uma variante das muitas «Tentações» que enchem a pintura de todas as épocas e de todas as escolas, desde Lippo Fiorentino até Moreau, mas em que o pintor nos aparece senhor de si mesmo, na plena posse de todos os seus admiráveis recursos».

A *Ilustração* não publica senão os originaes solicitados.



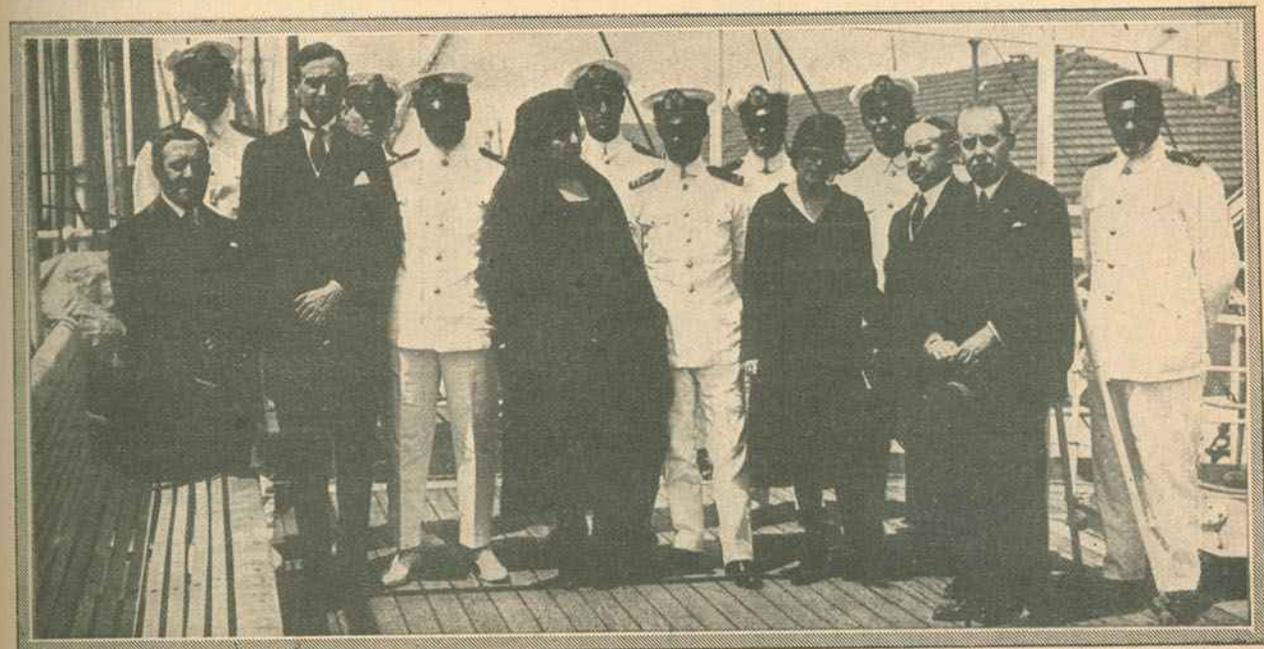
LISBOA



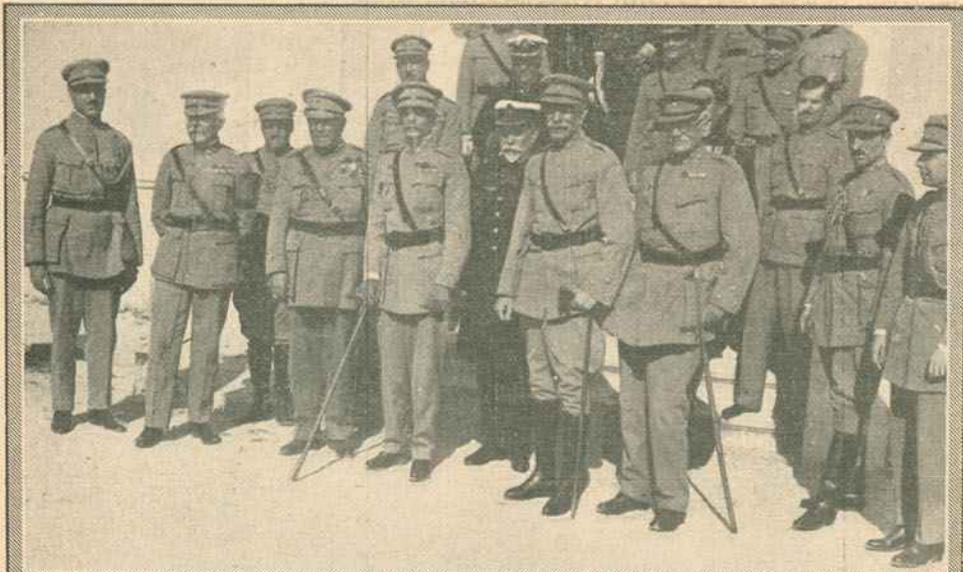
Aspecto do banquete promovido pela colônia francesa no café «Montanha», comemorando a sua festa nacional do 14 de Julho



O novo Ministro da China em Portugal, saindo do Palácio de Belém, onde foi apresentar as credenciais ao Presidente do Governo, sr. General Fragoço Carmona

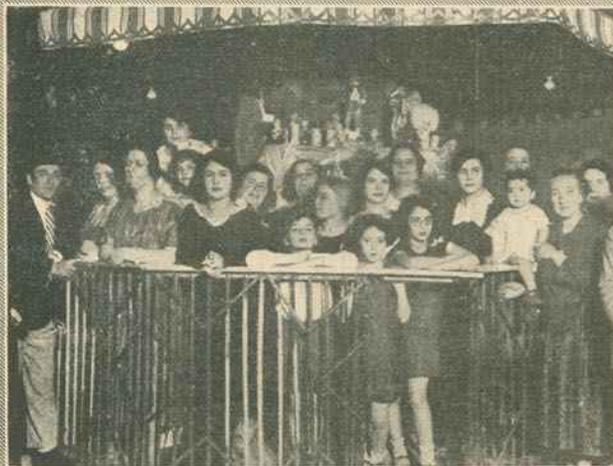


Na cerimónia da trasladação dos restos mortais do sr. D. Baldomero Garcia Sagastume, Ministro da República Argentina em Lisboa, para bordo do transporte «Pampa»: a viúva e a filha do ilustre diplomata acompanhadas dos representantes consulares do seu país e do Uruguai e de diversos oficiais da guarnição do barco



NA ESCOLA MILITAR

O general Fragozo Carmona, acompanhado de vários comandantes das unidades de Lisboa e outros oficiais, à saída do ginásio, depois de presidir à distribuição dos prémios aos vencedores do concurso militar de esgrima e bem assim aos alunos do mesmo estabelecimento melhor classificados na época escolar finda. Esta festa constituiu uma interessante manifestação desportiva e serviu para confirmar alto valor dos esgrimistas militares portugueses.



A barraca de kermesse que funciona nas festas que se estão realizando no jardim da Escola Oficial n.º 20 e cuja receita reverte a favor da Cantina Escolar e do Lactário da freguesia de S. José



Grupo das crianças protegidas pela Assistência Infantil de Santa Isabel, que ultimamente promoveu uma feira franca destinada a angariar fundos para a obra benemerente a que aquela instituição se dedica



Os que protestam contra a suspensão do negócio das «senhas progressivas», no dia do julgamento de dois dos seus promotores, presos por desacatarem a ordem das autoridades para essa suspensão. Na frente do grupo, em que o elemento feminino marca maioria, vê-se uma garrida corbelle, oferecida pelos manifestantes ao advogado dos aliciados empresários das senhas

S O C I E D A D E E L E G A N T E



CASAMENTO ELEGANTE

No palácio dos srs. Viscondes do Marco, à Junqueira, realizou-se no passado dia 17 o casamento de seu filho primogénito, dr. Duarte Nogueira Soares Cardoso com sua prima Ana Maria Burnay. Depois da cerimónia, efectuada em estreita intimidade, na linda capela do palácio, dispersaram-se os convidados pelos admiráveis salões e jardins, onde entre os clássicos e ordenados arruamentos de buxo, as graciosas toilettes de «Lanvin», «Drecolf», «Philippe et Gaston», etc., punham um contraste de moderno colorido. — Grupo onde se vêem os noivos e alguns convidados, nos jardins do palácio



Grupo tirado após a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Diana da Costa Araújo, filha da sr.ª D. Josefina da Costa Araújo e do sr. Benjamim José de Araújo, com o sr. Augusto Garcia Palmares, filho da sr.ª D. Conceição Garcia Palmares: os noivos no meio dos convidados

DESPORTOS



A tripulação do Club Naval, vencedora do Campeonato de Portugal de Remo

REMO

DISPUTOU-SE este ano o Campeonato de Portugal ao longo da muralha da Junqueira.

Apenas se apresentaram dois concorrentes, o Club Naval de Lisboa e o Club Naval Setubalense, tendo o primeiro ganho a prova com bastante facilidade, tanto mais que o Naval Setubalense disistiu a breve trecho do percurso.

O C. N. L. ganhou assim pela 3.ª vez o Campeonato de Portugal.

A assistência a esta prova foi quasi nula.

WATTER-POLO

O primeiro Porto-Lisboa terminou pelo triunfo da Capital por 8 goals a 0.

Foi uma boa tarde de «sport» sobretudo como sessão de propaganda do watter-polo. A luta que se travou entre os 2 grupos, presidiu sempre uma grande cordealidade e correcção de parte a parte.

Uma grande multidão assistiu ao desafio tendo recebido com entusiasmo os jogadores do Norte e tendo sabido animar os representantes da capital com a devida corecção.

O triunfo de Lisboa já era esperado, mas não tão nitido. Este triunfo deve-se sobretudo ao maior dominio da bola dos jogadores de Lisboa.

O Porto resistiu valorosamente, lutando sempre com alma e energia, tendo porém fraquejado para o fim quando se começaram a sentir cansados. De todos os jogadores, o que mais se destacou foi Basilio, que esteve sempre em jogo.

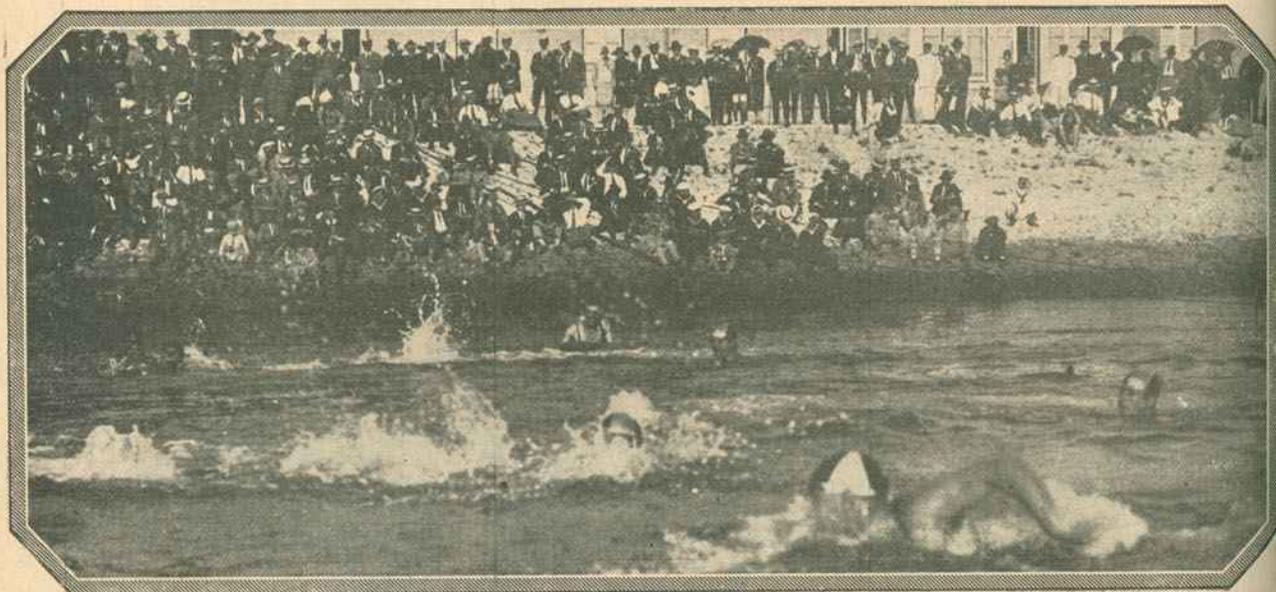
A seguir devemos destacar a linha avançada de Lisboa que realizou um bom trabalho, onde Bessone se destacou.

A defesa de Lisboa jogou bem as poucas vezes que entrou em jogo. Do Porto salientou-se Canto Moniz, tendo demonstrado grandes qualidades de nadador sobretudo.

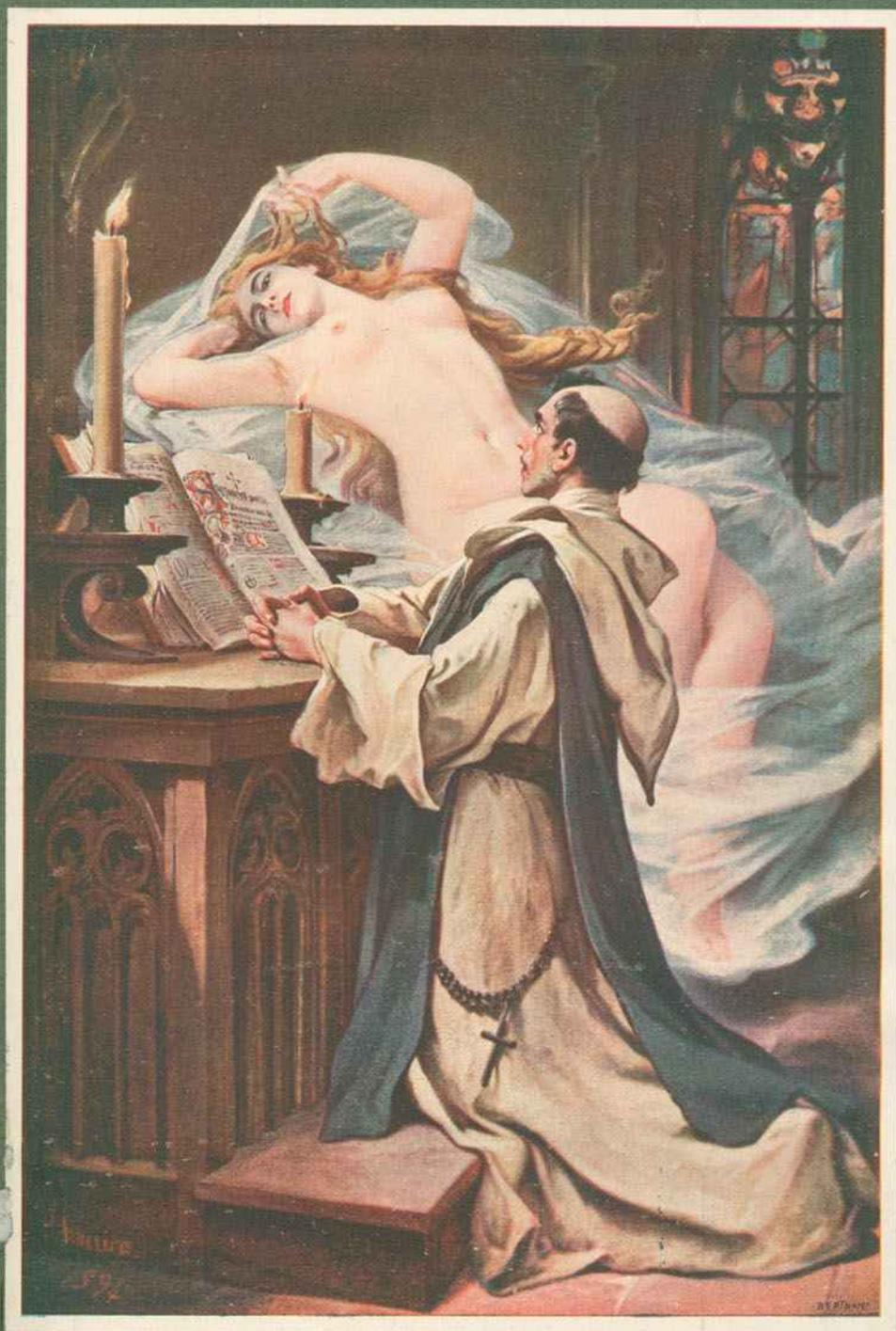
A arbitragem foi boa e foi muito facilitada pela correcção com que todos os jogadores se portaram.



Grupo dos officiaes vencedores das provas de esgrima disputadas este ano na Escola Militar



Uma fase do primeiro encontro Porto-Lisboa em Watter-Polo



PEDRO AMÉRICO — O Noviciado

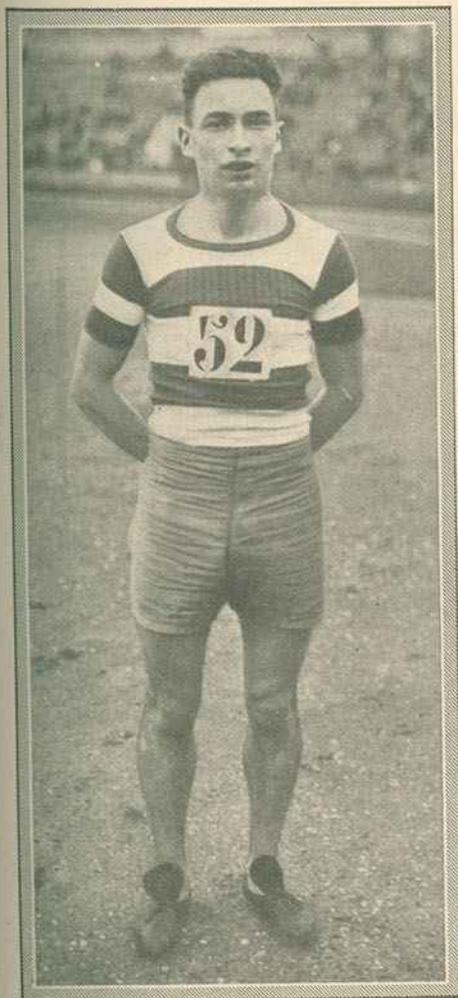
Quadro pertencente ao Ex.^o Sr. Dr. Cardoso de Oliveira, Embaixador do Brasil



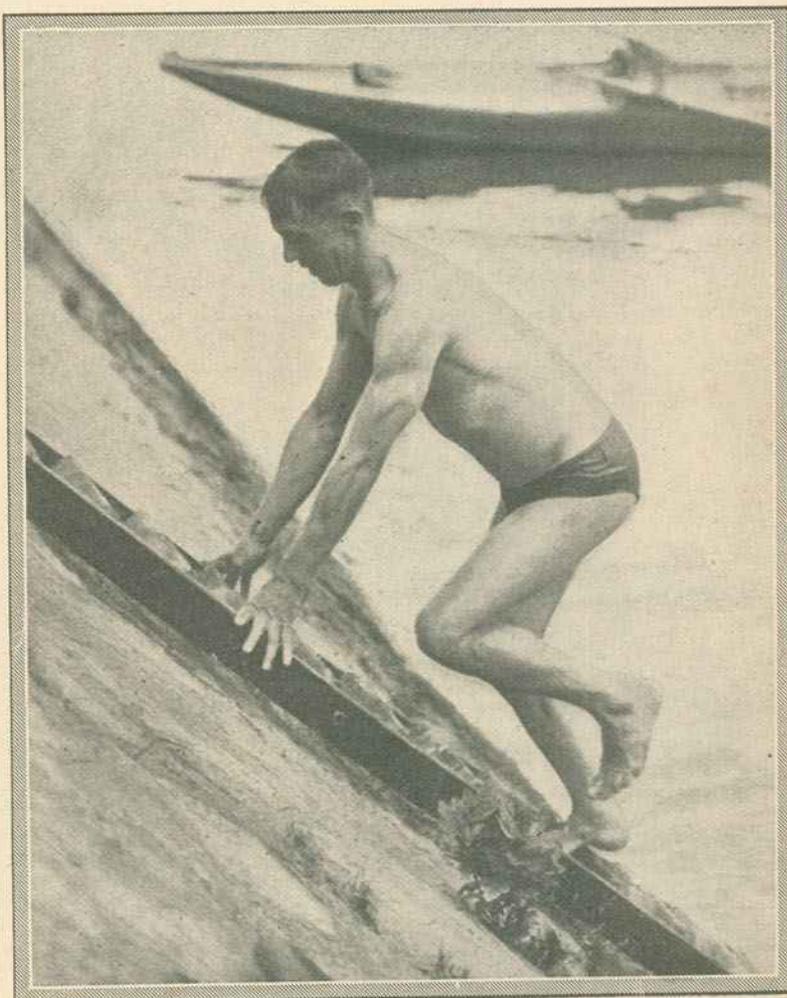
Um distinto sportsman: O malogrado capitão-aviador Duran, vítima dum desastre de aeroplano em Espanha



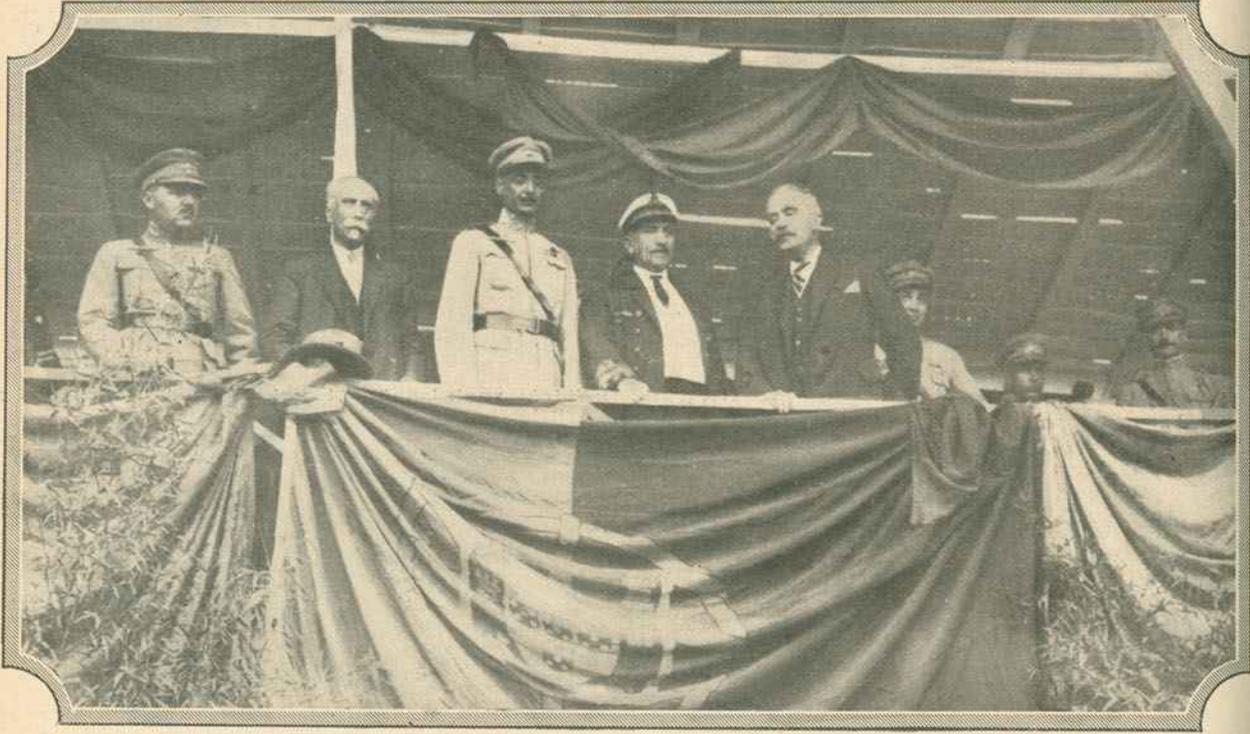
Volta à França em bicicleta — à direita — vencedor Lucien Buysse, à esquerda o belga Dossche vencedor da última etapa



O corredor francês Baraton, que bateu ultimamente o record do mundo dos 800 metros



A travessia de Paris a nado. — O belga Boone, 1.º classificado, momentos depois da chegada



Aspecto da festa militar no Campo do Bessa, cujo produto reverteu para a Casa dos Filhos dos Soldados: o sr. dr. Alberto de Aguiar discursando na tribuna de honra, na presença dos ares, comandante da Divisão, Governador Civil e outras entidades

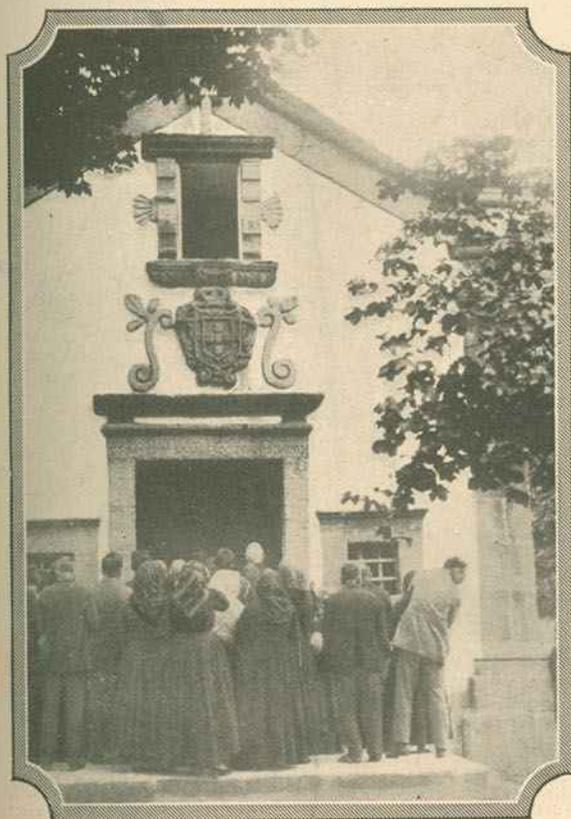


Grupo dos órfãos da Grande Guerra, a favor dos quais se efectuou a referida festa

O desajo de box entre elementos da guarnição, que constituiu um dos curiosos números do mesmo festival



Na visita de médicos e suas famílias às Termas do Gerez, visita promovida, em defesa e propagação destas águas medicinais, pela Empresa que as explora: grupo de excursionistas no «banco do Ramalhos», pitoresco lugar da magestosa serra.



A lída capelinha do Gerez trasbordando de fiéis



A audição musical das alunas da sr.^a D. Margarida Duarte da Fonseca, no Salão do Centro Comercial; em cima: um grupo de discipulas vendo-se ao centro a distinta professora; em baixo: uma parte da assistência à brilhante festa.

O PORTUGAL QUE PROGRIDE



O Estado, através da acção dos organismos competentes e affectos ao Ministério da Agricultura, procura intensificar o aproveitamento dos baldios. Para isso estabeleceu agora, em charnecas dos arredores de Leiria, um ensaio de colonização agrícola, constituído por três casais. O acto da sua entrega aos colonos foi efectuado com certo ceremonial, tendo ido presidir a êle o sr. general

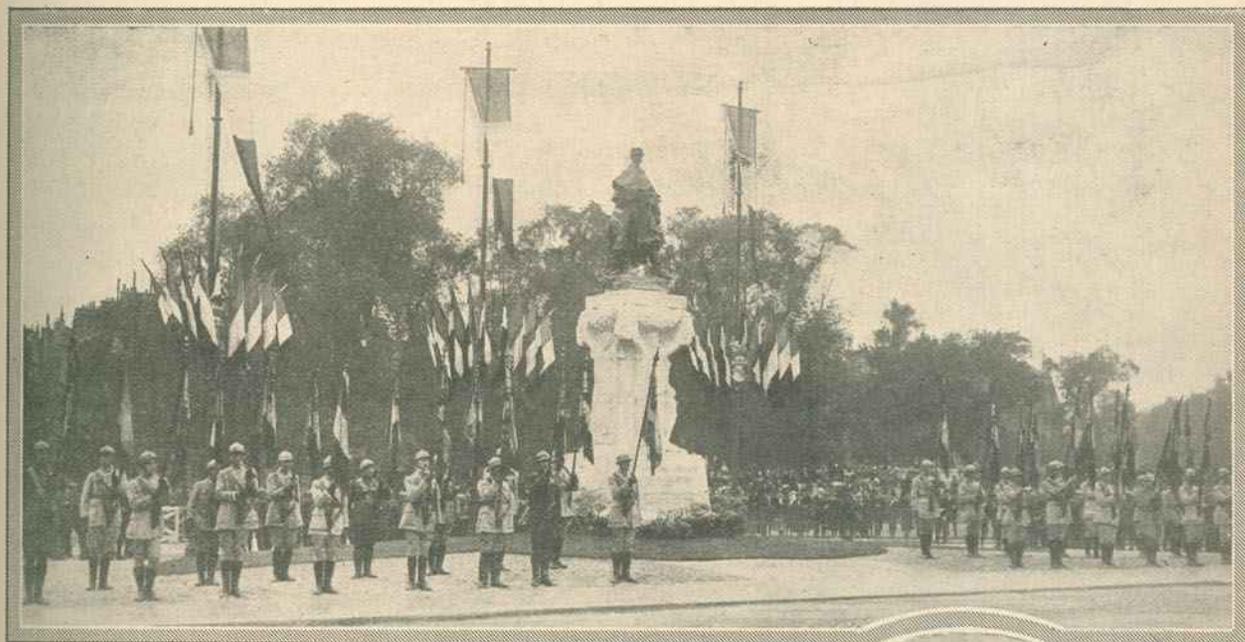


Alves Pedrosa, titular da pasta da Agricultura. As nossas gravuras representam, respectivamente: o aspecto do «Casal dos Milagres», e o sr. Ministro da Agricultura, no meio do par de colonos, que êle considera seus afilhados, à saída da moradia do referido Casal e rodeado dos diversos elementos oficiais que cooperaram nessa iniciativa e mais convidados que assistiram ao acto.

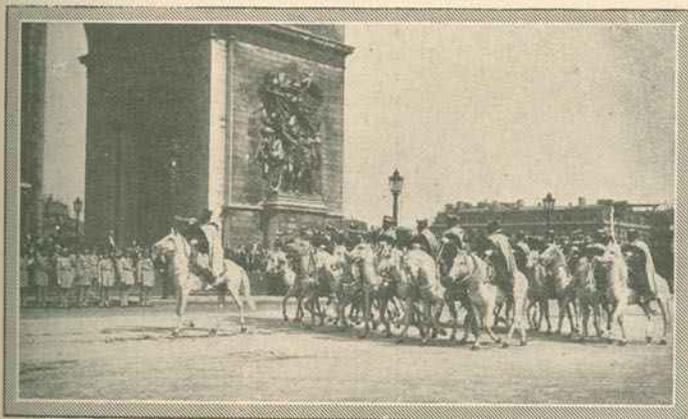


O sr. Presidente do Ministério e outros membros do Governo, com muitos jornalistas e mais convidados, que foram assistir à inauguração das novas instalações do Palace-Hotel da Curia, novo e importante empreendimento do grande industrial hoteleiro sr. Alexandre de Almeida. Trata-se de um edificio sumptuoso, moderno, cheio de confortos, enfim, um hotel apto a acolher os hóspedes mais exigentes

ILUSTRAÇÃO
ESTRANGEIRO



Paris. — A inauguração do monumento a Gallieni: as bandeiras formando em redor da estátua



Paris. — A visita do Soberano de Marrocos: o desfile das tropas mouras



Aspecto da recepção do mesmo chefe de Estado no Ministério dos Negócios Estrangeiros



Primo de Rivera em Paris. — No Qual d'Orsay, sentado no meio de Mr. Briand e do general Pétain, quando da assinatura do tratado entre a França e a Espanha.
No medalhão: O Presidente do Directório espanhol conversando com Mr. Briand, por ocasião da revista militar efectuada em sua honra



O poeta Camilo Pessanha
Um dos seus últimos retratos

A COLECCÃO DE ARTE CHINESA DO POETA CAMILO PESSANHA



Um curioso exemplar do simbolismo oriental

CAMILLO Pessanha, o poeta bizarro e singular da *Clepsydra*, e o tradutor, com José Jorge, do *Kuoh Man Kau Fo Shü*, toxicomano que se finou há pouco em Macau, ofereceu em 1915 ao Museu de Arte Antiga uma valiosa coleção de arte chinesa composta de 100 peças e compreendendo exemplares de pintura e caligrafia, bordados, brocados, indumentária, joalheria, *cloisonné*, *champlevé*, bronze, bronze com incrus-

tações, escultura em madeira e marfim, unicórnio, pedras duras e vidro, embutidos em madeira, charão e cerâmica. É uma coleção de um certo valor, tendo algumas peças preciosas, que se encontra depositada no Museu a que foi oferecida e não tendo sido até hoje exposta, não sendo portanto conhecida de profanos, a quem hoje, por nosso intermédio, pela primeira vez se revela. Beleza e Arte que não se patenteia é parcela que não conta no inventário do mundo, instrumento que a civilização não recenseia. Pensando assim, o dr. Alfredo Guisado, após várias interpelações nas Câmaras, pensou em conseguir do Município um local onde a coleção, por deslocada no nosso Museu de Arte Antiga, pudesse luzir com toda a sua magnificência. Mas a coleção, que ficaria bem no museu da

Sociedade de Geografia, foi por testamento doada ao Museu Machado de Castro de Coimbra, com outras peças que após a morte do seu possuidor se lhe vieram reunir. Felizmente que um destino se lhe assegurou e bem está aos cuidados de Mestre António Augusto Gonçalves, amoroso erudito que tem pelas peças do Museu que criou a ternura que os artistas teem pelo sonho que os alimenta e as mães pelos filhos que geraram.

A coleção é valiosa e bem merece ser exposta. A cerâmica contém pratos, um da dinastia Sung, outro da Ming, Sün-Tac, outro de Seng-Fa, dinastia Ming, algumas estatuetas brancas e policrómicas, boiões, jarras, frascos, um perfumador e um disco, montado em tamarindo; a pintura e caligrafia têm vários exemplares das dinastias Sung, Un, Ming, Cheng, cavaleiros, animais, crianças, bufarinheiros, aves e flores, e inscrições, não destituídas de interesse. Em indumentária, bordados e joalheria, há um estandarte, frontais de altar, cabaias antigas da corte em seda cara, saias bordadas, colares, sapatos e alfinetes de cabelo. Em bronzes figuram um par de tambores da dinastia Hon, um vaso litúrgico da dinastia Ming, uma sineta montada em madeira da dinastia Tong, perfumadores, um leão de Fô e uma estatueta — o imortal Chéong — K'ô-Lou sobre um jumento, obra de arte já do século XIX. A isto se pode adicionar uma jarra de bronze japonesa, com incrustações de prata do século XVIII, um vaso *champlevé* da dinastia Ming e um vaso litúrgico, *cloisonné*, da mesma época.

A escultura em várias matérias, com excepção da faiça e do bronze, está também representada. Há o imortal Cheong-Li em madeira, uma taça de unicórnio, dragões em marfim e jarrinhas em âmbar. Pedras duras e vidro, poderemos ver frascos de cristal, um saço de jada, uma fivela para cinto, representando o tradicional dragão, macacos, aves, peixes, frutos, plantas, numa escolha que não é para desprezar.

Embutidos em madeira e charão, temos uma mesa com incrustações de madreperla, caixas, frascos e uma placa de charão vermelho com o licorne e pavões.

É, resumindo, um núcleo de objectos que constituirá a base de uma sala de arte oriental entre nós, fonte de estudos interessantes que ainda se não aclimataram no nosso solo, motivos de peregrinação de beleza exótica que será mais um ponto curioso a prender a atenção das gentes, desviando-as da soma fantástica de tentações grosseiras que em cada rua se embuscam para tornar o homem cada vez mais longe



Algumas das peças cerâmicas que constituem a coleção do poeta



Panos bordados de biombo

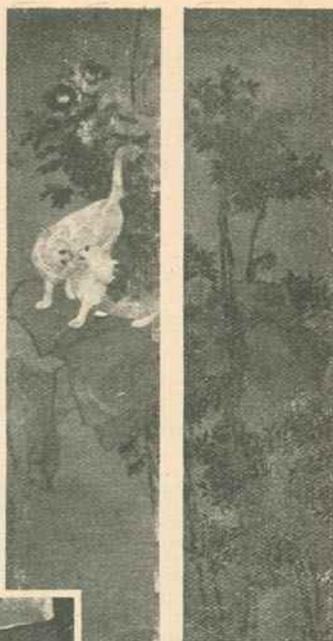
da Arte e da Beleza que deve ser a perpétua morada do espírito.

Tem Paris o seu Museu oriental. Lisboa esqueceu há muito que do seu Tejo saíram as armadas que conquistaram, descobriram, povoaram de ocidentalismo esse oriente longínquo. Nós não temos, tendo tão bela cerâmica, um museu da especialidade onde se agrupassem, a par das fábricas velhas nacionais, a porcelana da Índia e os serviços da China que os nossos maiores lá fôram buscar e ainda há espalhados por casas senhoriais. Nós não temos, por incúria da Câmara Municipal, um museu da cidade, um museu no género do parisiense Carnavalet, e onde tanta coisa bela e curiosa se poderia reunir. Nós não temos muita coisa, não porque não possamos ter mas por inércia. É a mándria, a lazeira nacional tornada epidemia, tornada calamidade. E até quando, santo Deus!!

Em Coimbra, no Museu Machado, a colecção Camilo Pessanha ficará maravilhosamente instalada, porque toda Coimbra é um grande museu, uma cidade tradicional, erudita e respeitosa, que bem quer ao seu património e que vulgariza pelas sucessivas camadas de escolares que por ela passam a beleza das coisas que encerra. A Índia nada tem com Coimbra? Tem. Lá estudou o *Trinca-fortes*, esse Camões génio da Raça, e lá secretamente se preparavam os matemáticos e técnicos de cálculos que abriam depois na côrte o impulso científico das descobertas. Se Lisboa era a terra das muitas

o desvairadas gentes, Coimbra era o claustro de estudo, e a sua influência, tórpida e lenta, pesava, como não podia deixar de ser, na vida e na sociedade portuguesa. Essa lembrança que lhe veio agora da longínqua China, por intermédio de um poeta bizarro e singular, é uma saudade e é um protesto de gratidão.

Mestre Gonçalves agora vai delirar de prazer. Dirá que não é um especializado, que os não há entre nós, naquela arte, fruto de uma civilização exótica, mas, alma sensível a toda a beleza, em tela pintada, ou pedra lavrada, em talha ou em louça frágil, em oiro ou em ferro, em vidro ou em papel impresso, em sêda ou em marfim, ele fará com que ela resplandeça e brilhe, com que ela se mostre em pleno esplendor. Então a pequena sala oriental, a sala Camilo Pessanha, não será das menores curiosidades do museu de que Coimbra hoje legitimamente se orgulha, e convenientemente resguardada e etiquetada, ela fica livre de se consumir e dispersar na voragem do tempo. Já o museu coimbrão possui uma colecção de cerâmica que não é das pio-



Animais e paisagens chinesas

haja o Museu Machado de Castro que a aceitou. E ver-se-á que não há de faltar gente que a vá admirar. Beleza oculta não é beleza, é sombra.

E é Beleza que se não vê, nem sente, coartando-se-lhe assim o muito que ela pode influir nas Almas para tornar menos egoísta a temerosa e indócil fera humana.

ALBINO FÓRNAS DE SAMPAIO.



Sedas, damascos e louças, pinturas e bordados

res que entre nós se reuniram. Vinda toda, ou quasi toda, das colecções Teixeira de Carvalho, a sala onde ela se reúne, merece um catálogo particular, que muito elucidativo seria para a história da cerâmica em Portugal. Agora esta parte cerâmica Camilo Pessanha completa a parte lusitana dando ao museu relêvo especial. Bem haja o poeta amigo das artes, que perdido a muitos milhares de léguas de mundo, despaçado já nos usos e costumes da sua infância, à hora da morte se lembrou da sua terra. Acredito piamente que esta doação será um início, um estímulo, um incentivo à doação particular tão em uso na América do Norte. Então não será uma maneira de perpetuar o nome, qualquer coleccionador que tivesse horror a que o fruto de tantos anos de canseiras fôsse, por sua morte, disperso aos quatro ventos de um leilão grosseiro e impiedoso?

Vale, vale a pena patentear cousas belas e a colecção Camilo Pessanha não deve estar oculta nem mais uma hora. Não serviu para o Museu de Arte Antiga? Bem



Uma linda mesa e algumas cousas dignas de museu

ARTES E ARTISTAS

« LISBOA VELHA »

SE lá, no mundo dos impossíveis, combinassem melhor esta coisa dos nascimentos, Roque Gameiro, em vez de vir à luz em Minde, poderia, muito bem, ter nascido para maior glória da sua arte e mais farto recheio das suas algibeiras, na Inglaterra da bruma e dos amadores.



Casa quincentista da Rua dos Cegos

Não que lhe falte o entusiasmo do sol, a visão nítida das atmosferas desanuviadas, o quente coração de um latino! Sim, porque, para dar inteiro valor ao seu trabalho e aquilatá-lo como merece, seriam de preferir os temperamentos apreciadores do norte aos feitos, vulgarmente frívolos, e às bôlsas acriteriosas do sul, cuja indiferença em matéria artística é cada vez mais de bradar aos céus.

Na Grã-Bretanha, onde há o culto inteligente do lar de cada qual, e o brio cívico dêsse grande lar de todos, que é a cidade, uma obra como a que Roque Gameiro agora empreendeu, aliás com merecido sucesso de venda, seria um acontecimento de perduráveis ecos.

A compita, os editores facilitar-lhe-iam tôdas as honras de uma edição rica, perfeita, impecável, destinada a atestar pelo tempo fora a graça sempre nova do que tem beleza e pitoresco.

Não esqueçamos que a Inglaterra é a pátria de Scott e de Dickens, o primeiro dos quais, evocador consumado, escreveu *O Antiquário*. Ora a *Lisboa velha*, de Roque Gameiro, mestre em velharias, sendo uma magnífica compendiação dos aspectos obsoletos da capital, é um álbum admirável da sua antiquariedade.

Quando, hoje, tanto se fala em Urbanismo,

que são os métodos de renôvo, abrilhantamento e higienização das cidades nascentes ou transformadas, justo se torna que, em paralelo, se erga e reforce, para fixar e proteger o que foi, a Arqueologia cidadina.

Por mais modernas que o progresso as faça, deve haver, nas urbes orgulhosas do seu passado, lugar para museus, ou inteiros bairros, destinados a mostrar o que elas foram e de onde vieram.

A iconoclastia passou de moda, entre civilizados. O homem moderno, gostando de inovar, deve saber conservar, prezando o valor do tempo, aliado fiel do humano esforço.

Organizando, com apaixonado carinho, a *Lisboa velha*, que editou por sua conta e risco, o mestre aquarelista da Veneira, barbi-ruivo e glorioso, deu aos devotos dos encantos arcaicos e dos cenários por vezes inverosímeis da



Roque Gameiro

metrópole alfacinha um scintilante repositório, ou manual eloqüente, de uma grande parte dos seus melhores recantos e perspectivas.

Artista de esmiuçadora atenção, pintor de técnica expressiva, ilustrador de raça, trabalhador com a devoção do officio, patriarca rodeado de pincéis, tronco de artistas, Roque Gameiro, fundador de uma escola, retinindo em volume mais de uma centena de vistas, quadros e assuntos da Lisboa panorâmica, da Lisboa vestusta, da Lisboa fadista, da Lisboa sobe-e-desce, veio contribuir para a educação do olhar dos lisboetas. *Lisboa velha* é todo um breviário de amorosas impressões, de sugestões agradáveis, ditadas por certas feições e pela curiosa maneira de ser da cidade que Ulisses não fundou, da cidade sem mármore e sem granito, arraial bulhoso de varinas, meliantes, bichanos e contos do vigário.

Foi arte o que Roque Gameiro quis fazer, não

documento arqueológico e esmiuçador. Nunca, para pintar a garrida velhota dos seus amores, o forte aquarelista deixou a alma em casa, ou pôs os óculos impassíveis de um Tópsius. O enlêvo do colorista transparece em qualquer das suas estampas, onde não se limita a apontar a arquitectura tortuosa, remendada, do bêco, da encruzilhada, da escadaria, da calçada, do largo, da viela, do arco ou do boqueirão, mas quasi sempre os enfeita, — e até, uma vez ou outra, sobrecarrega! — com as figuras dos seus mas típicos moradores, com o estendal da roupa a secar, com algumas atitudes retintamente locais, como o «Venha abaixo!» das peixeiras, ou o vasar dos restos de comida para os gatos. Alí é o fado plangente. Aqui, o varredor com a carrocinha. São, além, os burros da hortaliça, os saloios do arrabalde, as marafonas de Alfama, os aguadeiros nos chafarizes, leiteiras, petizada, policías, mulheres da fruta — a Lisboa plebeia do ar livre e do palavrão!

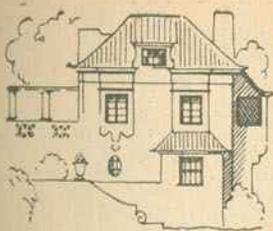
Roque Gameiro — nem o deveria ser! — não é um aristocrata. Gosta do povo como modêlo, ama a rua, pelo menos como terra. Para fazer a obra que êle pacientemente vem realizando há quarenta anos, não bastaria o seu talento de pintar. Impunha-se também um feitiço especial, compatível com a multidão e a impertinência do populacho.



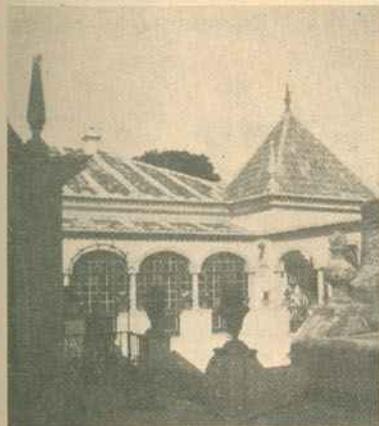
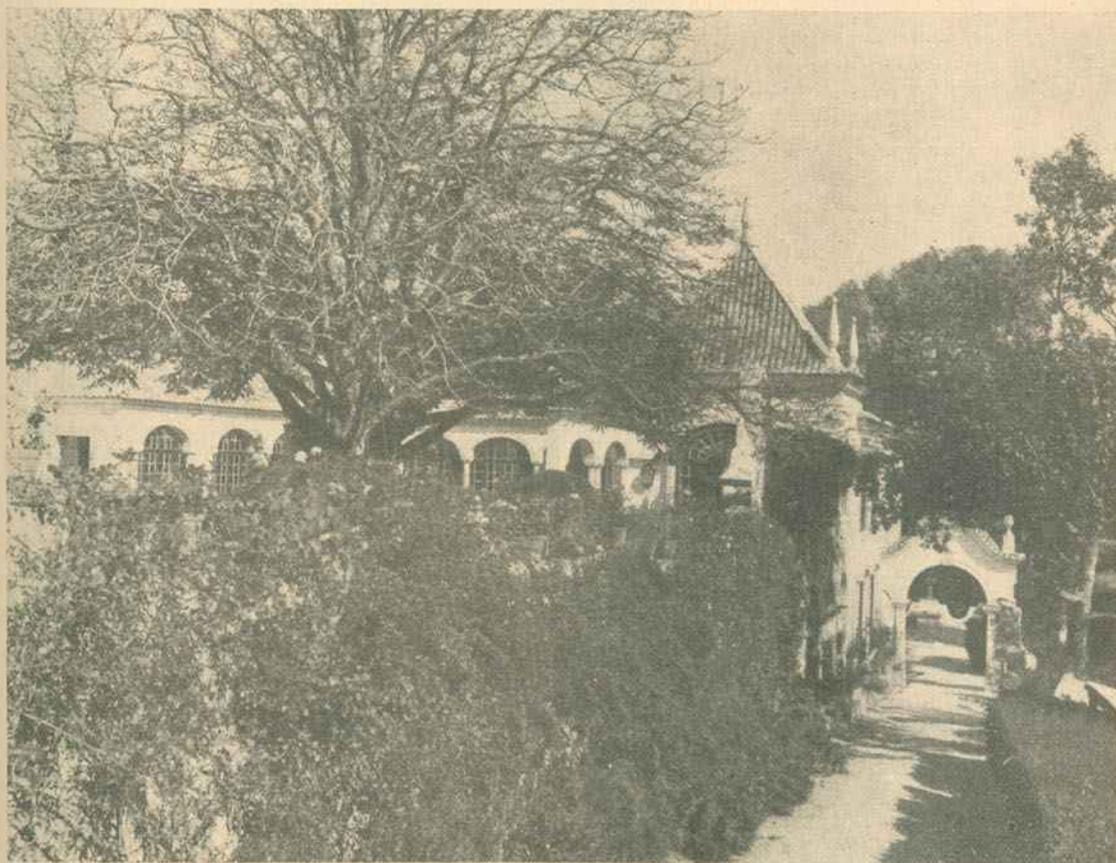
Bêco do Espírito Santo, ao Chafariz de Dentro

Um homem recolhido, bicho do seu buraco, não levaria a cabo a meritória tarefa, e a «Lisboa velha» ficaria sendo morta para o artista, que tanto a havia de valorizar, até em determinadas parcelas que a demolição já engoliu.

MANOEL DE SOUSA PUNTO.



A CASA PORTUGUESA



PINTOESCO VALE, BASTO ARVOREDO E BELAS SOMBRAS — CARACTERIZAM ESTA ESPLÊNDIDA PROPRIEDADE DOS ARREDORES DE LISBOA. FUNDADA NO SÉCULO XVIII, A CASA FOI HÁ POUCOS ANOS REMODELADA E OFERECE HOJE, A PAR DAS BELEZAS NATURAIS QUE DELA SE DISFRUTAM, UM MÁXIMO DE CONFÓRTO A SEUS MORADORES



Feminina

EM PLENA ESTAÇÃO

A despeito dos franzidos, pregas, plissados, folhos, as mil e uma fantasias, enfim, que deveriam concorrer para tornar a silhueta ampla, a linha esguia, direita, modelada com delicada graça, sem cruezas de contornos demasiadamente acusados, permanece em pleno sucesso. E, se escutarmos as previsões que nos chegam, arrancadas pela inconfidência profissional ao segrêdo que blinda os tabernáculos onde ferve a actividade criadora da moda, inclinarmos-nos a convicção de que no próximo inverno veremos ressurgir as combatidas mas sempre acarinhas travadinhas.



Mas deixemos para mais tarde as surpresas que nos estão sendo preparadas para o próximo inverno, e falemos da moda estival e da sua irmã gêmea, a que se destina ao outono.



Os modelos que publicamos e que foram fotografados nas estâncias de águas da França que a moda indicou como redutos da grande elegância parisiense, vemos que as rendas e as mouelines, bem como os crepes estampados e *degradés*, são os elementos de *chic* por excelência.

As rendas Nunca como agora elas foram profusamente empregadas, — talvez mesmo com um certo exagêro... — Mas são tão lindas, leves, tentadoras, essas maravilhosas teias tecidas pelo capricho, que se perdôa o abuso que delas se está fazendo... De resto, não tarda que soprem os primeiros ventos frios do outono, e então... Despedir-nos-emos desses queridos recursos de elegância, que só volveremos a encontrar no ambiente suave e dis-





irrequieta insatisfação de imprevisto que tumultúa no seio da moda. E eis que nos prepara outra surpresa... Que poderia ela imaginar de menos concebível para esta quadra de luz forte e temperaturas elevadas?... O veludo... E, pronto; eis o veludo proclamado como tecido ultra elegante para o verão... Vê-lo-emos, portanto, largamente empregado nos chapéus, e compoendo elegantes toilettes de casino.

E coerente, é racional, a ideia? Bem importa isso à eterna caprichosa! É, por ventura, mais admissível o emprêgo das peles nas toilettes de verão? E, todavia, vê-mo-las nos *man-teaux*, nos vestidos, misturadas com as gazes e as rendas, tintas em tons inverosímeis, recortadas em extravagantes disposições...

Se o *mot d'ordre* da moda actual é: excentricidade, para que nos deteremos numa hesitação segredada pelo hábito da coerência?

É moda o veludo no verão! Depressa, corramos à modista a encomendar-lhe toilettes, chapéus de veludo...

— Mas... E no inverno?...

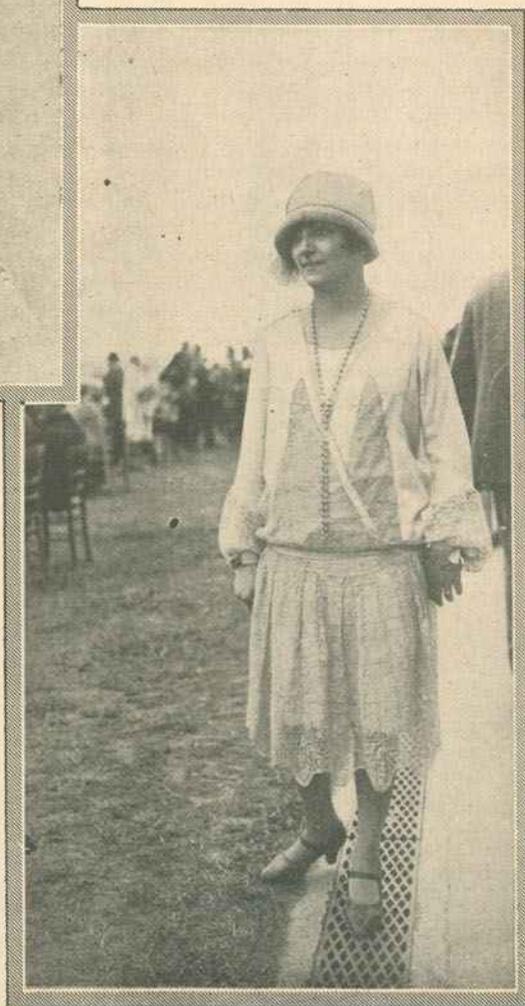
— Schut... Os decretos da moda não se discutem!...



creto dos salões. A par da disposição dos *degrades*, — que quando não são já de si mesmos impressos nos tecidos, se obtêm pintando, em esbatido inteligente, numa toilette três ou quatro tons da escala duma mesma cor, — a nota característica das toilettes leves são os *decoupés*, ou *recortes*, que freqüentemente rematam as orlas das saías e das túnicas em linha irregular, acentuadamente assimétrica.

Outra novidade muito em voga, é a composição de vestidos e *man-teaux* em vários tecidos incrustados formando caprichosos desenhos. É a ideia dos *puzzle* aplicada à toilette... Convém notar que só um sentimento artístico bem consciente e equilibrado, poderá abalançar-se a originalidades d'êste género, para não se correr o risco de compor um costume de arlequim, em vez de uma toilette *dernier*... *et savant cri*...

Mas não pára nesta fantasia, a





O FREGOLI DAS CIDADES

LISBOA NO ANO 2.000

MAGRO, duma magreza que lhe dava elasticidade aos menores gestos; o rosto escaveirado, dum moreno lustroso de índio; olhos enormes rebolando, como rólhas de bilhas, dentro das órbitas profundas; os dentes falsos, parecendo de louça, mastigando um charuto que nunca vi acender — fato escandalosamente claro; panamá flexível — assim conheci aquele ex-prefeito da capital da República X.

Espanhol e pele-vermelha, sem côr, o prefeito tinha um vício, uma paixão: o fregolismo das cidades. Durante trinta anos de vida política gastara o melhor dos seus nervos, da sua imaginação e do rendimento da sua fortuna inverosímil, desenhando cidades, recortando cidades, colando cidades — como as crianças recortam e colam sobre o cartão as capitais-brinquedos de Épinal.

E quando já não lhe restava, no seu país, população para novas cidades, nem inovação para introduzir nas já construídas — o prefeito, fagur das ruas e dos jardins, prestidigitador de Avenidas e de palácios, veio até à Europa. E atravessando o velho continente, lá foi de capital em capital, sonhando com as transforma-

ções, os recortes, os monumentos, as fantasias que imporia se fôssem suas — as cidades da Europa. Esteve em Paris, esteve em Berlim, esteve em Viena — e de Viena, de Berlim e de Paris trouxe planos, projectos, e estudos — trabalhos inúteis, cuja concepção o deliciou como delícia aos velhos sultões de harém despovoados a evocação das odaliscas que os seus lábios beijaram.

E veio a Lisboa. E Lisboa, que não estava dentro do seu programa de fantasia, atraiu-o; amou-o; fixou-o durante algumas semanas.

Conheci-o num acaso de reportagem. Vi-o folhear os *dossiers* compostos sobre as outras cidades. Senti pena por Lisboa. Pedi-lhe que derramasse um pouco do sonho de Fregoli de cidades sobre esta capital. E êle cedeu. E eis o que disse...

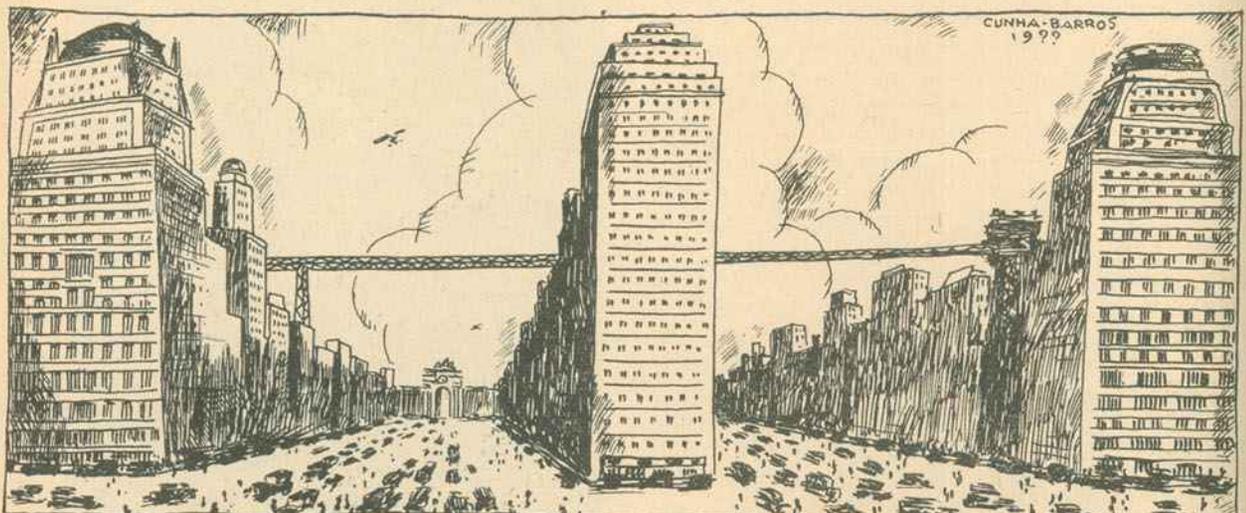
Fomos para o Jardim de S. Pedro de Alcântara, como para um camarote aéreo que se abrisse sobre a pista imensa da capital.

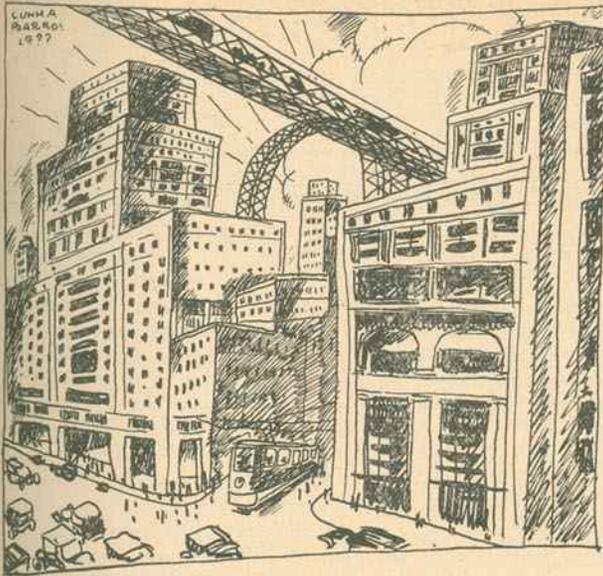
E mascando o charuto com a dentuça de louça, começou a improvisar as reformas de Lisboa.

— O principal cenário das cidades, as suas *bombolines*, são os seus prédios. Uma cidade não pode apenas possuir palácios monumentais, embora isso seja indispensável, a certos bairros, como as apoteoses berrantes são necessárias a todos os fins de acto.

«As cidades vivem também da sua casaria modesta — desde que seja elegante e tenha carácter. Lisboa tem poucos palácios. As Avenidas que existem estão mal vestidas de prédios imponentes. A Avenida da Liberdade é pobríssima. Parece uma marquesa de corpo divinal vestida de chita. Mas, em suma: o que mais choca em Lisboa — é a segunda categoria das suas casas... O estilo pombalino, as suas janelas quadriculadas, janelas de guilhotina, de escadaria suja e estreita — são impróprias da *city*. A casaria pombalina, nascida dum terremoto — vive sempre a evocar *terremotos*. Tem carácter — mas não tem nem beleza nem variedade. É feia e é monótona. Se me fosse dada a farinha do poder para a transformação de Lisboa — o primeiro que faria seria o arranjo da Baixa — a começar pela sua casaria. Vestia de novo os prédios — como os dentistas chumbam a oiro os dentes ameaçados.

«E logo a seguir, sem hesitação, deitaria fogo aos tais bairros que os lisboetas amam e que são o foco permanente de todos os males deste país: males de corpo; males de espirito.





Refiro-me à Mouraria, a Alfama, ao Bairro Alto.

«Uma população que gosta desses bairros — está condenada a não gastar da água, nem da luz, nem da beleza, nem do triunfo. É uma população triste, neurastênica, suja e sem ambições. Esses bairros são feridas purulentas, segregando veneno que se alastra e contagia toda a cidade. E, para fazer a vontade aos que amam morbidamente esses bairros, deixaria de pé um pedaço dum deles — algumas congostas, das mais características — e fechá-los-ia, cercando-as com uma muralha elegante, com porteiro fardado à porta. E ninguém o habitaria. Seria para *visitar*, como uma velharia de bric-à-brac como *vitrine* de museu. A aplicação que daria ao espaço conquistado — direi mais tarde.

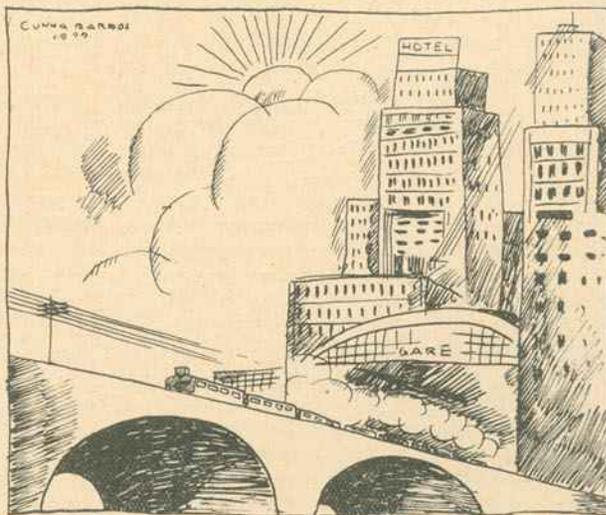
«Depois ia a *City*, quero dizer, a Baixa, e faria dela um *centro* de cidade moderna.

«A Baixa lisboeta sofre de dois defeitos essenciais: a estreiteza das ruas e a estreiteza dos passeios. Todos os outros defeitos, provêm destes dois.

«Principiava por alargar as ruas; e alargando as ruas, alargava os passeios — e via-me livre de fileiras intensas de lúgubres casas pombalinas. A Rua do Ouro ficava entre a face ocidental, que possui hoje e a face oriental da Rua Arco de Bandeira. O resto — cairia sob um dilúvio de picaretos. E assim, a Rua do Ouro — era um *boulevard* amplo e europeu. A Rua Augusta incharia até à Rua da Prata. Segundo *boulevard*. E deitando abaixo a casaria da Rua dos Douradores — a Rua dos Fanqueiros, sem a grandeza das outras duas, seria também uma artéria decente.

Paris, Berlim, estão cheias de terraços, de inverno e de verão.

«Agora subamos. Os prédios do Rossio ocidental seriam engulidos por um mágico alçapão. As fachadas dos prédios da actual Rua (...) de Dezembro seriam maquilhadas e vestidas. E a Rua Nova do Carmo desembocaria directamente na Praça: frente à Praça dos Restauradores. Do fim do Chiado ver-se-ia a Avenida da



Liberdade, com a sua perspectiva desafogada e deslumbrante de luz.

«Que lhe parece? Bem? Pois oiça. Rua de S. Domingos, final da Rua dos Fanqueiros, iriam para as profundas do Inferno. Uma outra praça se fazia, para substituir a praça original e artística de onde nascia a Rua Nova da Palma. Escusado será dizer-lhe que a Rua Arco Marquês de Alegrete e todas as ruelas afuniladas que se estrangulam na Mouraria ofereciam espaço para alargar e regular a Rua da Palma —

«Ótimo. Já temos assim o *hall* e para se abrir um novo bairro, estendido pela Rua da Mouraria, Capelão, etc.

«Agora subamos ao Chiado. O Bairro Alto seria perfurado no centro por uma Avenida que desembocasse neste Jardim de S. Pedro de Alcântara. Dessa avenida irradiariam novas ruas, largas e vistasas.

«E feito todo este trabalho — vamos ao melhor, ao que daria a Lisboa um aspecto inédito juliovernense — o bastante para atrair as multidões de turistas. Lisboa tem sete colinas — e só uma delas é que é bem servida: a do Carmo. O Elevador de Santa Justa é uma *trouville*, o apontamento dum plano genial que não foi posto em prática. Frente ao elevador de Santa Justa, na Rua dos Fanqueiros, onde está agora um hotel, seria erguida uma nova Torre para um novo elevador, cuja ponte fôsse ter ao Castelo. E, assim, os habitantes dessa colina iriam da *City* aos seus bairros em alguns minutos apenas.

«Mas não podíamos ficar por aqui. O Elevador da Glória é feio; é aleijado; é coxo. Do prédio da esquina para a Praça dos Restauradores levantar-se-ia uma terceira Torre, um terceiro ascensor, que nos guindaria em segunda a este jardim. E para ser completo, construía-se uma quarta Torre no Cais do Sodré. A ponte passaria por cima do Largo de Camões (onde havia ascensor, para descer os que se destinassem ao Chiado) e iria unir-se com a estação do ascensor do Jardim de S. Pedro de Alcântara.

«E para terminar o primeiro acto desta mágica fregolisante, teríamos de resolver o problema máximo desta Lisboa antiquada: a descongestão da Baixa. Este hábito de se viver no centro da cidade, não aproveita à Baixa e torna triste os outros bairros. E era fácil! Quere um exemplo? Porque não se fez uma grande estação de Caminho de Ferro em Entre-Campos? Calcule você a vida que se notaria nessas avenidas hoje lúgubres — se os grandes rápidos e o *sud-express* tivesse ali uma paragem, frente a uma estação monumental. Viriam logo hotéis «palaces»; *restaurants*, teatros... — o nascimento duma nova

City — mais elegante, mais vistosa do que a outra...»

A tarde caíra. As últimas gótas de luz do sol, escorrendo pelo rosto moreno do *fregoli* das cidades, avermelhava-o... e dava-lhe tons mefistofélicos...

REINALDO FERREIRA.

ESTÉTICA DA LINGUA PORTUGUESA

EPÍSTOLA AOS POETAS

ALguns poetas portugueses modernos e contemporâneos, incluindo nesse número os melhores, pecam às vezes contra a unidade da língua literária e também contra a sua sonoridade, contribuindo assim com o seu mau exemplo, os que são mestres do verso, para que tais pecados se generalizem entre outros menos notáveis ou mais moços, que com justa razão admiram e seguem aqueles como alunos atentos.

Peca contra a unidade da língua o poeta coimbrão que rima *tenha* com *montanha*, ou o poeta lisboeta que julga poder o substantivo dissilábico *ri-o* rimar com o monossílabo *riu*, do verbo *rir*. E estes dois exemplos são frequentes na nossa literatura poética actual.

É certo que numa parte do país os finais *anha*, e *enha*, *anho* e *enho* se confundem na prosódica corrente; é certo que em Lisboa se ouve dizer *está friu*, em vez de *está fri-o*; mas isto são pronúncias dialectais que não merecem consagração literária e comprometem a beleza da obra poética, restringindo o seu pleno gozo aos distritos nacionais onde tais confusões prosódicas ocorrem ou às camadas de leitores menos cultos e prevenidos, ao passo que, fora daí, hão-de causar a impressão desagradável de uma arte imperfeita, manchada de incúria, ou muito fácil em abandonar-se a liberdades abusivas.

Um dos casos de scisão prosódica entre o norte e o sul do país é este: o norte distingue bem, no ditongo *ou*, os dois elementos vocálicos de que êle se compõe; o sul, pelo contrário, confunde *ou* com *ô*, destruindo assim o ditongo e pronunciando *côsa* em vez de *cousa*, *rôpa* e *tôca* em vez de *roupa* e *touca*. Por-isso a lavadeira saíria diz *rupinha* e *tuquinha*, emquanto a sua colega minhota, caindo no vício contrário, tende a transformar o ditongo em tritongo, proferindo *râoupa* e *râoupinha*, *tâouca* e *tâouquina*. A razão e a verdade estão no justo-meio que a própria grafia indica, mediante o qual deve ser vedado à poesia verdadeiramente portuguesa e verdadeiramente artística, cuidadosa e superior aos desleixos do «menor esforço», irmanar nos finais dos versos sons diferentes, como foram, são e devem ser, na língua literária comum, as terminações de *louca* e *bôca*, *louça* e *môça*, *couto* e *côto*, *ouro* e *côro*, etc., etc.

Não querendo proceder assim, podemos ir muito longe, de confusão em confusão e liberdade em liberdade, chegando a ponto de nos não entendermos e escorregando até rimarmos tudo com coisa nenhuma. É o que já se vai ver com os seguintes exemplos:

Todos sabem que de longa data se insinuou na nossa literatura poética a liberdade de rimar o *ô* aberto com o *ô* (ô fechado ou circunflexo), e que o mesmo se deu com *ê* e *è*. Camões rima *cêrto* e *expêrto* com *desconçêrto*; *escreve* com *têve* e *estêve*; *aquêla* com *estrêla*; *colhêsse* com *dissêsse*; *pêço* com *padêço*; *contê-las* com *êlas*; e do mesmo modo *senhóra* com *hóra* e *adóra*;

maiores com *imperadores*; *antecessores* com *piores*; *espôsa* com *formôsa*, etc. (1)

Não tenho tempo, nem há talvez necessidade de organizar a este respeito uma estatística; mas creio poder dizer que se encontram nos poetas clássicos mais exemplos desta liberdade a respeito da rima de *ê* com *è*, do que de *ô* com *ò*. E ao meu ouvido soa menos abusiva e menos distanciada da realidade prosódica a primeira liberdade que a segunda, quero dizer: parece-me que *estrêla* rima menos mal com *êla*, do que *espôsa* com *formôsa*.

Seja, porém, como fôr, o certo é que, do século de Quinhentos até agora, os poetas portugueses teem pôsto a render a tolerância herdada daquele, e hoje em dia já ninguém faz cerimônia de rimar *firo* com *chôro*, *decôro* com *canôro*, *côrte* com *môrte*, *sôlto* com *vôlto*, *côres* com *louyôres*, e por aí fora. Mas o pior é que a esta liberdade tradicional junta-se por vezes a nova licença de considerar *ou* consonante com *ô* e até com *ò*, e então vemos um moço poeta madeirense, aliás distintíssimo, rimar *movem* com *ouvem*, ou *louvem* com *chovem*, e encontramos no livro recente de uma poetisa de Lisboa, muito notável também, transigências como a que brada aos céus nos dois versos seguintes:

*Certas humildes, pequeninas «cousas»
Feitas de hesitações «embaraçosas»*

Desta maneira não tardará muito que o verso rimado deixe de estremar-se do verso branco, e nada teremos que opôr a qualquer vate alentejano que se lembre de juntar *verdadeiros* com *fêros*, ou *inteira* com *pêra*. Quer dizer: chegar-se hê à desafinação de rimar o *ôvo* com o *espêto*.

Como portugueses e como artistas, devem os nossos poetas evitar cuidadosamente êstes atentados contra a unidade da língua literária. Como artistas cumpre-lhes *fazer arte*, aceitando as dificuldades que a arte implica por definição, em lugar de evitá-las ou illudí-las covarde ou preguiçosamente com o *pouco mais ou menos* das transigências e liberdades excessivas. Como artistas, sejam portanto antes parnasianos do que desleixados, ou então fiquem-se no exercício primário da quadrinha ao modo popular, de que tantos dêles não passam e onde o rústico, o imperfeito, o fácil, o aproximado, teem sua graça especial, que não convêm à literatura poética verdadeiramente culta e artística. De outra maneira deixar-nos hão as suas obras triste impressão de impotência, de veleidade ou de cábula, e a critica avisada e sincera, rara muito embora em Portugal, afastar-se hã delas com desdém.

Como portugueses, pensem primeiro na consoladora confissão que já hoje temos de fazer, de que os poetas brasileiros se mostram

muito mais artistas que os nossos. E, depois, reflitam que todo aquele que escreve se constitui *ipso facto* fiel-depositário da língua em que escreve, língua literária, culta, e fixa até certo ponto, que é um compromisso geral entre os particularismos orais correntes, e só pode existir e perdurar com a condição de respeitar a unidade artificial, *literária*, que é a sua base exclusiva. Se a literatura desatasse a ser valha-couto de tôdas as variedades regionais, dar-nos-ia assim o espectáculo de um musicante louco, destruidor do próprio instrumento em que tem de tocar.

Camões e os outros quinhentistas nunca se atreveram a emparelhar *pousa* com *espôsa*, e se rimavam *espôsa* com *formosa*, e *estrêla* com *bela*, já vamos ver que tinham justificação suficiente para assim procederem. Em primeiro lugar foram êles quem fixou o português literário, e tão bem ou tão mal que, mais de três séculos rodados, a língua culta por êles criada é ainda, com pouquíssima diferença, a nossa de hoje. Mas os quinhentistas portugueses eram, ao mesmo tempo, rivais e discípulos dos espanhóis. Rivais, porque queriam patrioticamente opôr à infiltração fortíssima do castelhano uma língua literária portuguesa autónoma. Discípulos, porque surgiram intelectualmente como continuadores do Renascimento italiano, e êste forçava-o a geografia e a política a vir até nós por via de Espanha.

Acontecia, porém, e acontece ainda hoje, que é muito mais fácil rimar em castelhano que em português, porque o vocalismo da nossa língua se apresenta muito mais abundante e variado que o daquela. Em espanhol rimam *estrella* com *ella*, *señora* com *hora*, *temores* com *mayores*, *hermoso* com *reposito*, o que em português não acontece com as palavras correspondentes. Não admira portanto que os quinhentistas lusitanos, discípulos e leitores assíduos dos castelhanos, acasalassem vocábulos nossos que não rimavam tão perfeitamente como os seus pares espanhóis. O que admira é que, em luta com uma língua muito mais espalhada e literariamente mais adiantada do que a nossa era no seu tempo, tivessem conseguido vencer. E nem por estarem criando então, com nobilíssimo esforço patriótico, um idioma literário novo, precisaram de cair em abusos de facilidade e tolerância prosódica excessiva, frequentes hoje em dia. Nunca rimaram *formoso* com *reposito* ou *louco* com *tôco*, apesar de terem em castelhano exemplos como *hermoso-reposito*, ou *loco-tôco*.

A seguir veremos que a poética portuguesa moderna, se por um lado tem de afastar-se da de Camões e dos outros quinhentistas, no tocante à facilidade e liberdade prosódica da rima (que hoje exige muito maior rigor e requinte artístico), deve por outro lado voltar à tradição camoniana, pelo que respeita à metrificacão.

(1) Todos êstes exemplos são tirados das oitavas chamadas *Ao desconçêrto do mundo*, menos o último, que pertence a *Ode à Lua*.



VIDA SCIENTÍFICA

UM PRECEPTOR DE PRINCESAS NA CÔRTE PORTUGUESA

O infante D. Duarte, duque de Guimarães, filho do rei D. Manuel, teve do seu casamento com D. Isabel de Bragança três filhos: D. Maria, D. Catarina e D. Duarte. A filha mais velha, D. Maria, nascida no último mês de 1538, casou em No-

possuindo também largos conhecimentos de Filosofia natural e Matemática. Do seu interesse por esta última sciência é testemunho um dos cinco manuscritos portugueses que lhe pertenceram e hoje se guardam na Biblioteca Nacional de Nápoles, por ter recolhido a esta biblioteca a livraria da casa Farnésio quando a familia se extinguiu. O manuscrito, a que nós referimos, é um formoso códice de umas 200 fôlhas, cujo longo titulo se pode ler no frontispício que juntamos, fac-similado: «*Seis libros de Euclides Megarense, philosopho acutissimo mathematico, trasladado em linguagem pelo licenciado Domingos Perez. Aos quais ajunto a Altimetria, Longimetria, Profundidades, com as medidas de corpos mathematicos e fábrika de relogios reduzidos a esta altura de Lisboa. Anno de 1559. Dirigido ás muito Excelentes e Serenissimas Princezas, a senhora D. Maria e a senhora D. Catherina, filhas do Infante D. Duarte e Infanta D. Isabel, netas del Rey D. Manuel.*» Sabia-se que o Doutor Pedro Nunes fôra mestre de Matemáticas e Filosofia dos irmãos de D. João III, os Infantes D. Luís e D. Henrique, sendo-o depois também das sobrinhas, D. Maria e D. Catarina, e ultimamente do neto, D. Sebastião. Aparece-nos, porém, aqui um novo preceptor das princezas. Pedro Nunes passou em Lisboa os últimos quatro anos, anteriores á sua jubilação em janeiro de 1562, occupado na reformação das cartas de marear e no exame de mestres e pilotos. Estava pois lá em 1559, data do livro, e decerto foi êle quem recomendou o licenciado Domingos Peres para o auxiliar, ou substituir, no ensino das jovens princezas. O motivo porque o novo preceptor compôs este livro é exposto por êle no prefácio e merece ser conhecido: «E por desejarem Vossas Altezas ouvir a *Theórica dos planetas*, quiz para melhor intelligência ler-lhes os 6 livros de Euclides em latim, que são os principios e elementos da geometria theórica, para tudo mui necessários, e muyto mais para a Navegação, perspectiva, fortificação e medidas de linhas e áreas». As netas de D. Manuel, na flor dos seus vinte anos, pediam ao preceptor que lhes ensinasse a *Theórica dos planetas* de Purbáquio, a Mecânica celeste do tempo. Êle começava pelo Euclides, na edição latina, juntando-lhe para melhor compreensão, não a tradução completa, mas apenas a dos enunciados das proposições, com figuras primorosamente desenhadas; e acrescentava também principios de topografia e construção de relógios de sol: «E por mais facil e menos trabalho ser o exercicio, trasladei em linguagem as proposições destes cinco livros, 1, 2, 3, 4, 6, e não do 5.º, porque trata da Aritmética, da qual tratei em outra parte. Ajuntei no fim destes 5 livros as medidas d'altimetria, longimetria, profundidade e a medida das áreas, terras e corpos mathematicos com alguma fabrica de relogios, reduzidos a esta altura de Lisboa, das quais três sciencias pende o mais dificultoso da Matemática, e a declaração dos instrumentos astronómicos que tenho feito a Vossas Altezas». Vê-se que o mestre também

construía instrumentos astronómicos para as discípulas.

O desenvolvimento das navegações trazia consigo em Portugal a necessidade do estudo da Astronomia. O cosmógrafo-mór Pedro Nunes superentendia nas cartas de marear e no exame de mestres e pilotos. O gosto por tal estudo generalisava-se, e nos paços reais não eram só os Infantes D. Luís e D. Henrique que o cultivavam com intensidade. As próprias princezas queriam saber a teoria dos movimentos celestes, que depois o proprio Camões, no último canto da epopeia, resumiria em formosas e imortais estâncias.

Na princesa de Parma o interesse pelas esferas cristalinas, com que se explicavam as trajectórias dos astros, não prejudicava as qualidades da boa dona de casa. A par do livro de Domingos Peres, possuía ella outro manuscrito, conservado na Biblioteca de Nápoles, composto de quatro partes, intituladas: *Caderno dos manjares de carne, Caderno dos manjares de ovos, Caderno dos manjares de leite, Caderno das cousas de conservas*. Com o livro em que o seu preceptor reunira as proposições de Euclides, as regras do uso do astrolábio, nas medições topo-



D. Maria de Portugal, princesa de Parma

vembro de 1565, na cidade de Bruxelas, com o príncipe Alexandre Farnésio, filho do duque de Parma, Octávio Farnésio, realizando-se então esplêndidos banquetes e bailes, com muitas outras festas que ficaram famosas, descritas por mais de um cronista. Puseram-se depois os noivos a caminho de Itália, chegando em junho seguinte á capital do ducado, onde foram festivamente recebidos pelo duque Octávio e pelo povo. Antes da princesa embarcar para Flandres tinham-se celebrado também festejos em Lisboa, incluindo grande tourada com morte de 17 touros. Pedro de Andrade Caminha compôs o indispensável *Epitalâmio*, estendido por 85 oitavas, em que diz da noiva:

*Cô as Graças e cô as Musas se criava
E Minerva seu Espirito inflamava.*

E também se refere á irmã:

*Nos mesmos exercicios e costumes,
Com ella a Irmã mais moça se criava.*

Esta última, D. Catarina, que casou com o primo, D. João de Bragança, filho mais velho do duque Teodósio, foi duquesa de Bragança e avô de D. João IV.

As duas princezas tiveram na verdade a esmerada educação literária e scientifica a que alude o poeta Caminha. A respeito de D. Maria, que não chegou a cingir a corôa ducal por ter morrido cedo, em 1577, diz o P.º Sebastião Moraes, seu confessor, que sabia bem a lingua grega, falava e escrevia correntemente a latina,

SEIS LIBROS DE EUCLIDES MEGARENSE

*philosopho acutissimo mathematico trasladado
em linguagem pelo licenciado*

DOMINGOS

PEREZ

Aos quaes ajunto a Altimetria

*Longimetria Profundidades e similitudes
de corpos mathematicos e fabricas de Relogios*

*Reduzidos a esta altura de
Lisboa Anno de*

MDLIX

Dirigido ás muito Excelentes & Serenissimas Princezas, a senhora

D. Maria de Bragança

Infanta Catharina

filhas do Infante D. Duarte e Infanta D. Isabel Netas del Rey
D. Manuel

Frontispício do livro de Domingos Peres
(Dimensões das paginas do Prefácio: 24 X 16 cent.)

gráficas, e da construção de relógios, cuidadosamente guardava as preciosas receitas da culinária lusitana, seguindo assim o bom preceito de Juvenal: *mens sana in corpore sano*.

LUCIANO PEREIRA DA SILVA.



De todos os domínios da actividade humana onde o Cinema vai buscar a sua matéria prima, o assunto, há um que, um pouco posto de parte até agora, em virtude precisamente da sua excessiva espiritualidade, passou neste momento à ordem do dia. Quero referir-me à religião ou melhor à história religiosa e em particular ao dogma católico.

Era com efeito curioso o constatar-se que a Igreja, que através dos séculos se tem esforçado por encontrar uma materialização do seu evangelho para a pôr ao alcance dos seus fiéis, incapazes de abstracções, estivesse tanto tempo afastada do Cinema, instrumento maravilhoso e duma maleabilidade extraordinária para tornar concreto aquilo que justamente quer ficar o mais possível nos domínios da imaginação.

Aparte alguns exemplos muito antigos trazidos até nós pelos textos gregos que dizem que os sacerdotes dos templos egípcios se serviam de raios luminosos para fazer surgir uma aparição aos olhos ingênuos dos crentes, achamos por toda a parte apenas maneiras grosseiras

de divulgar a história de Cristo. Representações teatrais diversas, como os célebres «Mistérios» da Idade Média, representam um esforço neste sentido. O cinema, porém, vai de repente chegar a qualquer coisa de muito mais completo porque pode, continuando a ser muito explícito, ressaltar aquela parte de sobrenatural, indispensável à religião, pois que a imagem em movimento é impalpável e como que imaterial. Neste género de produção devemos distinguir algumas categorias tendo todas o mesmo fundo religioso, mas diferenciando-se por aquilo a que poderemos chamar um «grau de pureza». Com efeito, desde o filme simplesmente moral até ao filme inteiramente dogmático, passando pelo assunto bíblico de grande encenação englobado na produção vulgar temos três espécies diferentes de filmes, dos quais os últimos são por assim dizer, ilustrações para o catecismo. O filme moral que é feito para toda a clientela dos cinemas, é uma comédia dramática como se vê de ordinário em todos os ecrãs mas é a mão de Deus que dá o desfecho do problema pela sua intervenção. Pelo contrário, o argu-

mento bíblico não procura satisfazer apenas a moral, mas sim encontrar na História Sagrada o pretexto para o luxo da encenação.

Eliminando a pouco e pouco o assunto acessório, chegámos por fim as grandes produções religiosas «Bernardette» ou o «Milagre de Lourdes» com as aparições da virgem e a última novidade «La rose éfeuillée» traçando os milagres de Santa Teresinha do Menino Jesus, cuja santa influência e fama são absolutamente mundiais entre os católicos.

Sem falar dos numerosos documentários chegamos agora ao *Catecismo filmado*, que é o filme católico propriamente dito. Aqui não há já cenários de imaginação mas sim e apenas uma ilustração tão fiel quanto possível da história sagrada. Uma firma «Le Film Catholique» especializou-se neste género e já apresentou uma série de pequenas ilustrações cinegráficas, «Os sacramentos». Maurice Negrier, animador desta série procura os seus intérpretes sobretudo entre os crentes mais fervorosos e assim se cria uma nova maneira de servir a Deus, interpretando filmes para a sua maior glória.



Um belo interior de decoração sóbria, severa e de requintada elegância, reconstituindo admiravelmente o vestibulo dum velho solar inglês, no último grande filme do «star» Edmund Lowe

res são belas como astros dum firmamento oriental. Chama-se este filme «Aventuras do príncipe Achmed», tem música especial e legendas do doutor Mardrus, tradutor para francês das «Mil e uma noites». A sua apresentação deve ser feita em Paris dentro de poucos dias.

Os realizadores franceses Henry Fescourt, Leon Poirier e Henry Roussel, foram agraciados com a ordem da Legião d'Honra.

Como se vê, em França toma-se o cinema um pouco mais a sério do que em Portugal onde nem sequer existe uma lei de propriedade cinematográfica.

A grande casa Aubert de Paris põe um formal desmentido aos que dizem que não se ganha dinheiro com a edição cinematográfica, publicando o seu balanço de 1925. Os lucros líquidos foram de 2.374.630 francos e o dividendo de 25%. As receitas dos 200 grandes cinemas de



Jacqueline Logan, a formosa actriz que se celebrou no filme «As penas do pavão» para a Universal e acaba de ingressar nos elencos da Fox



Ramon Novarro o célebre galã da Metro, contemplando um desenho em que ele próprio reproduziu a sua cabeça no filme «Scaramouche»



Norma Shearer envolta num rico «manton de Manila» a última moda em Hollywood

Uma conferência de Edward Filène sobre a «Reconstrução Económica da Europa» que teve lugar na Sorbonne há alguns dias, foi seguida da exibição do filme «A caminho da paz pela Sociedade das Nações» editado pela associação holandesa de propaganda da S. D. N. O excelente filme que é duma grande beleza, causou um profundo sucesso.

Quando Emil Janning's, o colosso do cinema alemão, voltar da América onde foi cumprir um principesco contracto, reingressará na U. F. A. de Berlim e terá como encenador o célebre Lupu Pick criador do filme «Rail» o primeiro que foi apresentado sem títulos.

7.247 horas de trabalho!... Foram as horas precisas para produzir um extraordinário filme cuja apresentação todo o mundo culto aguarda com a maior ansiedade. Trata-se duma película de perto de dois mil metros inteiramente realizada em sombras chinesas, mas cuja perfeição técnica e refinamento artístico é tal, que os espectadores, esquecendo os truques, seguem absortos as peripécias fantásticas desse conto das «Mil e uma noites» onde monstros apocalípticos batalham com terríveis feiticeiros e génios bons socorem, como sempre, os apaixonados, palácios se constroem numa noite e todas as mulhe-



A suprema artista Lillian Gish tal como se apresenta na protagonista do filme «Scarlet Letter» de Nathaniel Hawthorne e que a «Ilustração» publica com o título «A letra encarnada»

Aubert em Paris e nas provincias cobradas em 25 de Junho revertiram integralmente para a caixa de socorro ao franco.

Para seu debute como novo elemento dos «United Artists», Buster Keaton, o nosso conhecido Pampalinas, vai durante o inverno executar duas grandes comédias burlescas. A primeira intitular-se há «O General» e dá logo que pensar sobre a figura do célebre «homem que nunca ri» carregado de dragonas e veneras. Keaton será o seu próprio encenador e rodear-se há duma legião de 150 especialistas em truques cómicos, chamados em Hollywood «gagmen».

A próxima época de produção francesa anuncia-se com *Madone des Sleepings*, de Dekobra, *La Femme Nue*, de Bataille, *Chéri*, de Collette, *Le Baiser du Soleil*, de Champsaur, *Fidelio*, de L. Van Beethoven, etc.

O ALGARVE

(DA SUA ECONOMIA)

II

O MAR

O mar algarvio tem o seu nome ligado aos mais brilhantes feitos da nossa história marítima. Daqui partiram para a última singradura as naus e galés da gloriosa e promissora jornada de Ceuta, comandada pela mais brilhante elite do Reino. Aqui voltou o Infante com a obstinada idea que havia de trazer ao pequeno Portugal tanta glória e tanta tormenta. Destas águas foram largando, por dezenas de anos, umas após outras, as frotas que, pelo vasto oceano e pela costa africana abaixo, foram descobrindo terras novas e novos domínios para Portugal, num trabalho insano e despesa de energias,

Mais do que prometia a força humana.

Ainda hoje, como homem que violentou a potência dos seus músculos e caiu quebrado, estamos sofrendo as conseqüências dêsse esforço sobre-humano. Assim nos parece justo interpretarmos o nosso estado presente de esgotamento e desânimo, contra o qual devemos reagir na convicção de que o renascimento é mais do que possível, certo, se o quisermos, decididamente, com vontade muito patriótica e bem dirigida. De igual modo nos devem julgar os de fora: com a benevolência e simpatia que merece quem pela civilização — *por todos* — se sacrificou, e se encontra doente do excesso formidável, mais útil a estranhos do que a si próprio.

Pois este mar maravilhoso, testemunha que foi dos nossos melhores dias de glória, pode sê-lo igualmente dos de melhor prosperidade que êle mesmo facilitará. Mar de mil safras, ténue de côr aqui, além profundo e carregado, preenhe de riquezas no seio ubérrimo, amoroso e brando ao marinheiro, até na beleza das praias doiradas e rochas sanguíneas que modelas, podes ser o auxiliar fraterno desta terra que banhas e por demais adormeceu o canto fagueiro das tuas ondas. Em vez de singrado por galés guerreiras, se-lo hás por pacíficos barcos pescadores; em vez de revólto pelo tumulto do combate, agitado por engenhos que das entranhas irão extrair-te as riquezas ictiológicas que contens.

Mas para que assim seja, forçoso é que os ho-

mens de hoje imitem os de antanho e organizem as suas artes com *saber todo de experiência feito*. Andar a *acertar*, como até agora, é desvario que êles não cometeram e está fora do espirito dêsse século e das possibilidades de êxito, ou pelo menos de sucesso estável.

A maior deficiência na organização actual da pesca algarvia é a ignorância sobre a vida das espécies. O maior obstáculo, para que ela possa prosperar, a obstinação em não querer reconhecer-la. Quando o peixe falta, clamam todos aos céus, consultam as bruxas e prometem velas aos santos. (Isto não é literatura; é positivamente assim). Mas como era de esperar a causa da sua ausência segue a natural evolução. Quando volta ninguém mais se lembra de que de novo faltará algum dia.

Não se lembram êles, mas tem o dever de se lembrar quem deve orientá-los e fazer sentir a sua mão de comando.

Para que qualquer indústria neste século seja

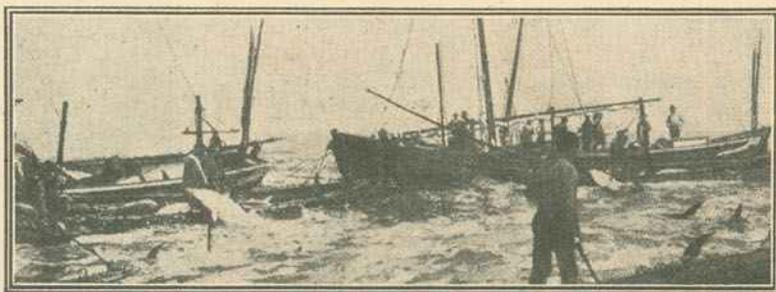
Conhecemos directamente o que um sábio francês, discípulo do Instituto Pasteur de Paris, M. Krempf, tem feito na Indochina: as realizações e resultados concretos do seu labor inteligente. A mesma França vai neste momento mandar à nossa costa o *Pourquoi pas?*, com o simpático e infatigável dr. Charcot. Deixaremos que ainda este problema doméstico venham estranhos estudá-lo e resolvê-lo? Para vergonha da nossa preguiça e incompetência nos basta que Tait, Choffat e tantos outros fizessem o que aos de casa competia. Se é certo que os havemos de ter como mestres, ao menos que alguém junto dêles aprenda para os substituir. Se entre nós não há infelizmente quem tome a direcção dêsse serviço, para começar a resolver e não a aprender, contrate-se em país estrangeiro alguém que o possa fazer e, num curto praso, nos apresente o resultado das suas pesquisas traduzidas em soluções práticas.

O Algarve, provincia que tem na pesca uma das suas mais importantes riquezas, precisa urgentemente que aqui — para seu exclusivo uso — haja um laboratório desta natureza e barco adequado àquelas pesquisas oceanográficas, com pessoal perfeitamente conhecedor dêsse serviço, que com êle não venha a aprender, antes possa ensinar os muitos que dêle necessitam ensinamento (1). Isto é o que a provincia tem a conseguir, instantemente, do Estado (2). O estudo científico da ria de Faro a Tavira, prodigiosamente cheia de promessas, só alguém com perfeito conhecimento dêstes assuntos o poderá fazer.

O Estado propôs-se há pouco, em decreto,

(1) O serviço organizado em Lisboa, com sede no Aquário Vasco da Gama e o Albarora ao seu dispor — (le que até hoje a pesca algarvia desconhece as conclusões e do qual ainda não recebeu a mais simples directriz — não nos parece mesmo com toda a proficiência, que possa abarcar todo o serviço da vasta costa de Portugal. E trabalho demasiado para um homem (mesmo trabalhador e probo como me informam ser quem dirige esse serviço) e para um barco. O serviço que se organizasse no Algarve poderia utilizar uma das pequenas canhoneiras da fiscalização, a que se fariam instalações próprias.

(2) Os homens práticos continuarão pensando que tudo isto é poesia, e mas a que desfecho nos trouxe a sua prosa terna e clarividente orientação? A esta grita de aflitos, sem um alvitre de r. médio para tanto e tão grande mal.



Numa armação de stum — Copejando

explorada com proveito, é indispensável que o seja scientificamente. Por detrás de todas está hoje uma técnica complexa, uma preparação científica, que permite laborar com lucro lutar com as concorrentes dos países estranhos, dentro e fora da barreira alfandegária.

Por toda a parte se pesca hoje scientificamente. A pesca de todos os países civilizados tem a orientá-la um estado maior de homens de sciência, oceanografistas, naturalistas, analistas, que dia a dia, vão investigando o que convém saber para seu funcionamento e progresso. Esta organização consta essencialmente de um laboratório de análises, servido por barco próprio, que colhe no mar os elementos necessários de estudo, e os passa pelos seus reagentes, pelo seu microscópio até chegar a conclusões que o habilitem a informar o pescador onde, como e quando deverá pescar tal peixe.

Na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha estão funcionando organizações dêsse gênero. A França estendeu-as até às suas colô-

iniciar a exploração de ostras na ria de Faro. É de esperar que o faça por processos modernos, com técnicos habilitados em ostreicultura. Se o resultado fosse negativo ou mesmo insuficiente, viria alimentar a descrença portuguesa em inovações. Quando se pretende reformar a vida nacional, destruir a rotina, é indispensável substituí-la por práticas insofismavelmente eficientes.

Como auxiliar moderno do pescador não devemos desprezar a aviação. (Estamos repetindo palavras que mais de uma vez temos publicado, mas nesta terra avessa a novidades não é de mais). A observação feita pela aviação marítima, processo este já em uso nalguns países do norte da Europa, é um meio prático de reconhecer a existência e posição dos cardumes. Poderíamos pôr à prova a sua eficácia (depois de algum tempo de indispensável treino dos observadores) estabelecendo em Faro a projectada e começada base de Aviação Naval, para a qual continuam existindo as mesmas razões militares que aconselharam, durante a guerra, a sua construção. Mesmo que os hidros não fizessem vôos especiais, bastava que no seu indispensável treino dirigissem a sua atenção para este ponto, para poderem prestar um valioso auxílio à pesca algarvia.

Em que mais poderá o Estado contribuir para a resolução real dos problemas económicos do Algarve na sua face marítima?

Desenha-se neste exacto momento um movimento de apêlo aos governantes, da parte do capital e trabalho interessados nas indústrias do mar. Esta representação que se arrasta há já meses, com uma velocidade que parece contrastar com a urgência que clamam existir, apresentará uma lista de medidas concretas, tendentes a resolver a crise actual da pesca e indústrias derivadas. Não nos enganaremos muito supondo que todas serão remédios de ocasião, para curar momentaneamente os efeitos do mal, como quem diz para não curar coisa nenhuma. Não é isso, por certo, o que inteligentemente convém fazer. Embora se não desprezem de todo os paliativos (pelo menos para acalmar os espiritos) sem neles empenharmos demasiada energia nem demasiados fundos, o que temos é de olhar o problema a fundo e achar soluções definitivas.

A indústria da conserva poderá ir agora pedir ao Estado que lhe minore os males que por suas próprias mãos criou. Quando, sem pesca nem mercados que garantissem tão grande expansão, todos se lançaram doidamente a montar fábricas e fabriquetas, elevando o seu número ao absurdo, pelo critério simplista que os outros ganhavam dinheiro; quando terminada a guerra se degladiaram ferozmente, vendendo por preços ridículos, com prejuizo muitos, em escudos, sem a união necessária para manterem um preço em shillings compensador do seu trabalho; quando deixaram perder a boa oportunidade de se transformarem e desviarem o seu capital, e as bôças que sustentavam, para outra actividade lucrativa; não teriam certamente tolerado que o Estado, se mais previdente tivesse sido, e tivesse sabido cumprir o seu papel de dirigente, lhes pusesse entraves ou os impelisse

para o caminho sensato das restrições e limitações (!).

¿ Voltam hoje a casa, como filho pródigo deste pai que, na verdade, pouco mais juizo teve do que o filho? O seu interesse é afinal o de nós todos: toda a economia nacional é solidária. A loucura é supor alguém que ardendo a casa alheia o fogo lhe não chegará, por morar muito longe. O fogo que não se extingue pode chegar a toda a parte. Até pelo ar voam as faulhas. Se o Estado agora se tornou pessoa de juizo, não pode desinteressar-se do problema económico do Algarve, e muito pode fazer em seu beneficio.

Além do estudo científico do problema da pesca, para aproveitamento integral da ria e exploração do mar conforme a sciência e a razão aconselharem, o Algarve pode reclamar uma fiscalização mais perfeita e moderna, de modo a evitar em maior escala, senão completamente, a depredação e estrago que na sua costa estão fazendo os vizinhos pescadores espanhois. Já noutro lugar dissemos como os mesmos hidroaviões poderiam colaborar eficazmente neste



Arpoando um bejo exemplar.

serviço e como ele ficaria modelarmente organizado se os capitães dos portos tivessem ao seu dispor vedetas de guerra, com motores Diesel de 30 a 35 milhas de velocidade. A despesa feita com este material seria do maior proveito para o nosso armamento naval, elemento como é indispensável na guerra moderna. O seu pessoal muito reduzido e a despesa mínima com os motores, visto que não estão inutilmente sob pressão, nem um minuto, torna-o aconselhável para este uso.

(!) Entendemos que ainda é ocasião de o Estado mandar fazer, por pessoa competente e de grande independência, um inquérito a esta indústria (parte integrante do inquérito geral à indústria que é forçoso fazer-se para podermos arrumar convenientemente a casa) para, diante dos elementos exactos do problema, resolver o que convém fazer, tendo em vista, especialmente, o interesse social, a felicidade da Grai.

Uma regulamentação, sobrepondo os interesses nacionais e eternos, da sua conservação e bom nome, aos particulares e mesquinhos deste ou daquele, está a impôr-se há muito.

Os portos pelos quais sai a importante e crescente exportação da provincia estão há muito necessitando a execução do que já se conhece ser urgente: Rasgamento das barras de Portimão, Faro, Tavira e Vila Real; construção dos portos de Faro, Tavira, Lagos e Vila Real. As Juntas Autónomas estão neste momento trabalhando nesse sentido, e é justo dizer que o seu pessoal técnico oferece todas as garantias que não será por deficiência na resolução dos problemas que esta boa orientação fracassará.

O que urge para que tudo não fique em projectos, ainda que tecnicamente admiráveis, é o auxilio financeiro do Estado, sob a forma de empréstimo ou outra. O de Faro parece merecer a cooperação da empresa mineira de Aljustrel, por servir os seus interesses com uma saída curta para o mar. Se assim é, que apareça a energia capaz de condensar todas estas vontades e levar-nos a uma realização rápida.

Ligado ao problema do porto de Faro anda o de uma linha férrea que saindo da estação de Loulé passe por esta vila, vá a Salir e Querença e volte por S. Braz e Estoi a Faro, servindo uma região rica em produtos agrícolas, que dá à exportação volumoso contingente. Opina-se que deveria ser eléctrica; os técnicos o dirão. Uma companhia belga pensou, antes da guerra, na sua montagem, ¿ que é feito dessa iniciativa? ¿ Não será ao menos possível seguir o trilho do seu pensamento que deveria ser baseado em dados económicos que garantissem o bom futuro da empresa, do qual também não duvidamos?

O porto de Faro pode ser mais do que o grande exportador do centro da provincia, o importador e distribuidor de todo o Algarve. Razão nenhuma há para que esta provincia esteja nas suas compras ao mercado externo sujeita ao oneroso porto de Lisboa, ao custo e transtornos de uma longa linha férrea e às comissões pesadas da praça da capital. Faro pode tornar-se, mediante uma organização comercial e financeira convenientes, o centro distribuidor de todo o Algarve para todas as mercadorias do seu consumo.

E este inicio da verdadeira autonomia da provincia (mais importante do que a politica) os algarvios a tem de fazer por suas próprias mãos; não é milagre que possamos pedir aos santos do Terreiro de Paço. De entre os erros que tornam a nossa vida politica e económica uma barafunda, avulta, a nosso ver, a centralização. *A capital e o seu porto, como cérebro congestionado, mirraram as provincias*, escreveu com indiscutível verdade Oliveira Martins. Se quizermos conseguir a circulação compensada, o pulso regular e calmo, dos corpos em boa saúde, forçoso é que trabalhemos para que a vida provincial adquira a importância que lhe compete e nunca teve. Descentralização, regionalismo, autonomia municipal e administrativa, de grau em grau, progressivamente, deve, em nosso entender, entrar no plano dos que desejem um Portugal melhor.

Só assim a *cabeça de gigante* será reduzida às devidas proporções e o *corpo de pigmeu* crescerá na medida do razoável.

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

(Continuação do n.º 14)

Ora deitava um lampejo de reconhecimento sobre um poste, ora sobre um muro de quintal, aqui numa janela de gelosia, ali numa bomba de água com a selha cheia, mais adiante sobre uma porta em arco, de carvalho, de aldraba de ferro, com um toro rude por degrau. Todos estes pequenos pormenores notou o reverendo sr. Dimmesdale, sem embargo de estar firmemente convencido de que a sua condenação vinha avançando para elle naqueles passos que ouvia, e que dali a instantes a luz da lanterna caíria sobre elle, e revelaria o seu segredo tanto tempo escondido. Ao aproximar-se a luz, viu, dentro do círculo iluminado, o seu irmão espiritual — ou, para melhor dizer, o seu pai profissional, e amigo valiosíssimo — o reverendo sr. Wilson, que o sr. Dimmesdale logo supôs que tinha estado a rezar junto do leito de algum muribundo. E assim fôra. O bom velho vinha agora mesmo da câmara de morte do Governador Winthrop, que, ainda não havia uma hora, se fôra da terra para o céu. E neste momento, cercado, como as santas personagens de outros tempos, de uma aureola radiante, que o glorificava no meio desta noite triste de pecado — como se o extinto Governador lhe houvesse deixado herança de sua glória, ou sobre elle tivesse caído a luz distante da cidade celeste, ao virar os olhos para lá, para ver o peregrino triunfante passar-lhe os umbrais — neste momento, em resumo, o bom padre Wilson ia andando para casa, ajudando os passos com a luz de uma lanterna! O brilho desta luz sugerira aqueles conceitos ao sr. Dimmesdale, que agora sorriu — que quasi riu d'elles — e em seguida pensou se não estaria prestes a enlouquecer.

Quando o reverendo sr. Wilson passou pelo pé do cadafalso, segurando contra si com uma das mãos a sua capa de Genebra, e com a outra erguendo a lanterna à altura do peito, mal pôde o padre inibir-se de falar:

— Boa noite, venerando padre Wilson. Vinde aqui para cima, eu vos peço, passar comigo uma hora agradável!

Santo Deus! ¿O sr. Dimmesdale havia realmente falado? Por um instante acreditou que estas palavras lhe haviam realmente passado os lábios. Mas não haviam saído da sua imaginação. O venerando padre Wilson continuou a caminhar lentamente, olhando com cuidado para

o chão lamacento, sem voltar, nem uma só vez, a cabeça para a plataforma do crime. Quando a luz da lanterna de todo se sumiu, reconheceu o padre, pela fraqueza que o atacou, que estes últimos momentos tinham sido uma crise de terrível angústia, se bem que seu espirito se houvesse involuntariamente esforçado por se aliviar recorrendo a uma espécie de alegria sinistra.

Dali a pouco, o mesmo hediondo sentimento do grotesco tornou a insinuar-se entre os fantasmas solenes do seu pensamento. Sentiu entorpecerem-se-lhe os membros com o frio da noite, a que não estava habituado, e chegou a duvidar se poderia descer a escada do cadafalso. Viria a manhã, e encontrá-lo-ia ali. A vizinhança começaria a despertar. O que primeiro se levantasse, e saísse de casa na luz vaga da antemanhã, veria uma figura mal definida, de pé no lugar do opróbrio; e, meio desorientado, entre o susto e a curiosidade, iria bater de porta em porta, chamando toda a gente a ver o espectro — que por tal o deveria tomar — de um defuncto criminoso. Sombrio alvorôço correria de casa em casa. Então — aumentando já a luz da aurora — levantar-se-iam velhos patriarcas, muito à pressa cada um em seu roupão de flanela, e graves matronas, sem se dar tempo de tirar a touca de dormir. Toda a tribu dos meticulous que nunca até ali se tinham visto em público com um só cabelo em desalinho, surgiria à vista de todos com aspecto de figuras de pesadelo. Viria o velho Governador Bellingham, severo, com a sua gola à Diogo Primeiro posta de través; e a senhora Hibbins, com raminhos da floresta ainda presos às saias, e com ar mais azêdo que nunca, por quasi não ter pregado olhos depois da cavalgada nocturna; e o bom padre Wilson também, depois de passar metade da noite junto de um leito de morte e pouco contente de ser assim tão cedo arrancado a sonhos de santos glorificados. Viriam também os anciãos e diáconos da igreja do sr. Dimmesdale, e as jovens donzelas que tanto idolatravam o seu ministro, e lhe tinham erguido um altar em seus niveos seios, os quais, fôsse dito de passagem, elas agora, com a pressa e a confusão, mal teriam tido tempo de cobrir convenientemente. Toda a gente, numa palavra, saíria, aos trambulhões, de casa e viria-se pôr-se à roda do cadafalso, a olhar para cima com semblantes

de pasmo e de horror. ¿E quem veriam ali, com a luz vermelha do oriente a bater-lhe na frente? ¿Quem, senão o reverendo Arthur Dimmesdale, quasi morto de frio, oprimido de vergonha, e de pé e imóvel no mesmo sitio onde Hester Prynne estivera exposta à execração pública!

Arrastado pelo horror grotesco d'este quadro, o padre, sem dar por isso, rompeu numa enorme gargalhada, de que logo depois sentiu infinito susto. Imediatamente lhe respondeu um riso leve, vivo, infantil, no qual, com um estremecimento do coração — mal sabia elle se de dor aguda, se de alegria não menos pungente — reconheceu a voz da pequenina Pearl.

— Pearl! Pequenina Pearl! — exclamou elle, depois de uma pausa momentânea; e em seguida, abaixando a voz: — Hester! Hester Prynne! Estais aí?

— Sim; é Hester Prynne! — respondeu ella, em tom de surpresa; e o padre ouviu-lhe os passos aproximar-se vindo do passeio que ella ia trilhando. — Sou eu e a minha Pearl.

— Onde vindes, Hester? — perguntou o padre. — Que é que vos trouxe aqui?

— Tenho estado a velar ao pé de um leito de morte — respondeu Hester Prynne — o do Governador Winthrop, e tomei-lhe medida para uma veste; e agora vou para casa.

— Sobes para aqui, Hester, tu e a pequenina — disse o reverendo sr. Dimmesdale. — Já aqui estivestes ambas, porém não estive eu convosco. Subi outra vez para aqui, e estaremos todos três juntos.

Ella subiu silenciosamente os degraus, e parou na plataforma, com a pequenina Pearl pela mão. O padre procurou a outra mão da criança, e pegou nela. Logo que o fêz, uma corrente tumultuosa de vida nova, de uma outra vida que não a sua, lhe pareceu verter-se-lhe no coração e correr-lhe velozmente por todas as veias, como se mãe e filha estivessem comunicando o seu calor vital àquele corpo quasi entorpecido. Formavam os três uma cadeia eléctrica.

— Padre! — murmurou a pequenina Pearl.

— Que queres, pequena? — perguntou o sr. Dimmesdale.

— És capaz de estar aqui com a mãe e comigo amanhã de dia? — perguntou Pearl.

— Não, pequenina, não — respondeu o padre, pois, com a energia nova que naquele momento recebera, todo o horror da exhibição pública, que

há tanto tempo era a angústia da sua vida, de repente lhe voltara; e tremia já das circunstâncias em que — embora com singular alegria — se encontrava neste momento; — não, pequenina. Estarei, em verdade, junto de tua mãe e de ti um outro dia, mas não amanhã.



Pearl riu-se e tentou retirar a mão. Mas o padre reteve-a com força.

— Mais um instante, pequenina! — disse êle.

— ; Mas tu prometes — perguntou Pearl — pegar na minha mão e na mão da mãe, amanhã de dia?

— Amanhã não — disse o padre — mas noutra ocasião.

— E que outra ocasião? — insistiu a criança.

— No grande Dia do Juízo — murmurou o padre; e, cousa estranha, foi a lembrança de que era seu mester ensinar a verdade que o levou a responder assim. — Nesse dia, e nesse lugar, ante o Juiz, tua mãe e tu e eu teremos que estar juntos. Mas a luz do dia dêste mundo não verá o nosso encontro!

Pearl tornou a rir.

Antes, porém, que o sr. Dimmesdale acabasse de falar, uma luz brilhou de lado a lado por todo o céu encoberto. Era certamente devida a um daqueles meteoros que o observador nocturno vê tantas vezes brilhar, até se extinguirem, nas regiões vazias da atmosfera. Tão intensa era a luz que iluminou completamente a densa camada de nuvens que se estendia entre o céu e a terra: A grande abóbada clareou, como a cúpula de um imenso candeieiro. Mostrou a scena familiar da rua com a nitidez do pleno dia, mas também com a estranheza que os objectos familiares sempre recebem de uma luz desacostumada. As casas de madeira, com os andares salientes e os telhados em bico, os degraus de porta e os limiares com a erva nova a rebentar junto dêles; os quintais, com a terra negra revolvida de pouco; o meio da rua, pouco vincado pelas rodas, e, até na praça do mercado, ladeado de verdura de um lado e de outro — tudo se tornou visível, porém com uma singularidade de aspecto que parecia dar às cousas dêste mundo uma interpretação moral diversa da que até ali sempre

tinham tido. E ali estava o padre, com a mão sôbre o coração; e Hester Prynne, com a letra bordada a luzir-lhe no seio; e a pequenina Pearl, simbolo, também, e traço de união entre êsses dois. Ali estavam, no grande dia dêsse esplendor estranho e solene, como se fôra a luz que havia de revelar todos os segredos, e a aurora que havia de reñir todos que uns a outros pertencem.

Havia magia nos olhos de Pearl; e seu rosto, quando ela os erguia para o padre, tinha aquele ousado sorriso que tantas vezes dava à sua expressão um ar de malícia. A criança retirou a mão da do sr. Dimmesdale e apontou para o outro lado da rua. O padre apertou-lhe, porém, as mãos ambas sôbre o peito dêle e ergueu os olhos ao alto.

Nada mais vulgar, naqueles dias, que interpretarem-se todos os fenómenos meteóricos, e outros factos naturais que ocorrem com menos regularidade que o nascer e o pôr do sol e da lua, como outras tantas revelações de origem sobrenatural. Assim, uma lança ardente, uma espada de chama, um arco, ou um feixe de setas, vistos no céu da meia-noite, presagiavam guerra com os indigenas. Sabia-se que uma peste fôra anunciada por uma chuva de luz vermelha. Cremos bem que nenhum acontecimento notável, quer bom quer mau, alguma vez succedeu na Nova Inglaterra, desde que se fundou até os tempos da revolução, sem que os habitantes tivessem sido avisados por algum espectáculo desta natureza. Em alguns casos o tinham visto multidões. As mais das vezes, porém, a fé no prodigio assentava no crédito de uma única testemunha, a qual o vira através da sua imaginação, que lhe mudara a côr, lhe aumentara as dimensões e lhe alterara a forma, e depois, repensando-o, o definira com maior nitidez. Era, em verdade, uma idea majestosa a de que o destino das nações assim se revelasse, nestes sinais tremendos, na vasta cúpula dos céus. Tão grande pergaminho não parecia largo demais para que nêle a Providência escrevesse a sorte dos povos. Era esta crença predilecta de nossos maiores, como testemunho de que a sua república incipiente se encontrava sob uma tutela celeste de considerável intimidade e estreiteza. ; Mas que julgar, quando um individuo, nesta mesma vasta fôlha de registro, descobre uma revelação que só a êle se dirige? Sômente por sintoma de grande perturbação mental se poderá ter que um homem, tornado mórbidamente atento a si mesmo por um longo, intenso e secreto sofrimento, tenha chegado a espalhar o seu egotismo sôbre tôda a extensão da natureza, até que o próprio firmamento nada mais lhe pareça que uma página própria para nela se escrever a história e o destino da sua alma!

Só pela doença que havia nos olhos e no coração do padre explicamos, pois, que êle, olhando para o zenite, ali visse a forma de uma letra imensa — a letra A — traçada em linhas de luz vermelha baça. Não que o meteoro se

não pudesse ter mostrado naquele ponto, luzindo naço através de um véu de nuvens, porém não seria com a forma que lhe deu a sua imaginação culpada, nem com aspecto tão definido que a culpa de outrem não pudesse ter visto nêle um simbolo diferente.

Uma singular circunstância caracterizou o estado psíquico do sr. Dimmesdale neste momento. Todo o tempo que esteve a olhar para o zenite, teve, contudo, perfeito conhecimento de que a pequenina Pearl estava a apontar com o dedo para o velho Roger Chillingworth, que se encontrava a pequena distância do cadafalso. Parecia ao padre está-lo a ver com o mesmo olhar com que reparava para a letra milagrosa. As suas feições como a todos os outros objectos, a luz meteórica dava uma expressão nova; ou porventura o físico não tivera então o cuidado, que em tôdas as outras ocasiões tinha, de esconder a malevolência com que fitava a sua vítima. Por certo, se o meteoro iluminou o céu e mostrou a terra com um horror que avisava Hester Prynne e o padre do Dia de Juízo, podia Roger Chillingworth então passar aos olhos dêles por o príncipe dos demónios, que ali estava ao pé, sorrindo com malevolência, à espera dos que haviam de ser seus. Tão vivida fôra esta expressão, ou tão intensa a percepção que dela teve o padre, que lhe parecia continuar ainda, pintada nas trevas, depois de o meteoro ter desaparecido, com tal evidência como se a rua e tôdas as cousas tivessem sido de repente aniquiladas.

— Quem é aquele homem, Ester! — balbuciou o Sr. Dimmesdale, transido de pavor. — Tremo dêle! Conhece-lo? Odeio-o, Ester!

Lembrou-se ela do que jurara, e nada disse.

— Digo-to eu, minha alma treme dêle! — tornou o padre a murmurar. — Quem é? Quem é? Não podes fazer nada por mim? Tenho um horror indizível daquele homem!

— Padre — disse a pequenina Pearl — posso dizer-te quem êle é.

— Dize, pequena, dize depressa! — disse o padre, baixando o ouvido até à bôca da criança. — Depressa, e o mais baixo que possas.

Pearl murmurou-lhe ao ouvido qualquer cousa que parecia, em verdade, linguagem humana, mas que apenas era uma algaravia como aquela com que as crianças tantas vezes se entreteem, falando juntas, durante horas e horas. Se acaso implicava alguma informação secreta acêrca do velho Roger Chillingworth, era dada em idioma que o sábio padre desconhecia, e não fez senão aumentar a perturbação do seu espirito. A criança travessa deu então uma gargalhada.

— ; Então estás a fazer escárnio de mim? — disse o padre.

— Não fôste valente! não fôste verdadeiro! — respondeu a criança. — Não fôste capaz de prometer pegar na minha mão e na mão da mãe, amanhã de dia!

(Continua.)



Livros e Escritores



Não foi — bem o sabemos todos nós! — por um simples impulso romântico e impensado que Eça de Queirós, ao inquirir uma finalidade na existência do Gonçalo Mendes Ramires da sua novela encantadora, o atirou para um dos longínquos prazos das terras moçambicanas... O cronista da Torre de Santa Ireneia mais não era, afinal e como quis o grande romancista, do que o símbolo vivo de todos nós, quasi perdidos por uma politica sem finalidade patriótica, hibernantes forçados do Terreiro do Paço e vivendo o resto do tempo num degladiar de lutas estereis enquanto vamos eructando as pósts relambidas das glórias velhas e dos exemplos antigos de são proveito, dos quais não tiramos nem proveito, nem glória... Ocorrem-me irresistivelmente à memoria neste momento aquellas redondilhas do Camões, lembram-se?

*Escrevem vários autores
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem naquele monte.*

... Simplesmente os povos da India a que se referem as *Enneadas* de Sabélico, iam vivendo d'alguma cousa que era regularmente positiva: nós é que nos temos andado a lograr uns aos outros, inutilmente, vai para um rôr d'anos!... Mas, ao contacto áspero com as realidades, e transportados para longe dum meio tenazmente entorpecedor, a existência árdua em paragens sagradas por um esforço generoso e secular, a percepção nitida de português e de homem que tem de ser útil, totalmente nos modificam criando em nós hábitos de trabalho, idéas salutaras, temperando defeitos possíveis de raça... É que, então, fala em nós, nessas paragens longínquas, a voz da Terra e dos Mortos!... Assim Gonçalo Mendes Ramires, assim toda a plêiade dos nossos coloniais, assim todos quantos d'aqui fogem para terras de trabalho e de luta!...

Vem isto a propósito dos dois belos livros que hoje tenho diante de mim, tão diferentes um do outro na sua factura, ambos porém intimamente animados pelo propósito de bem servir. Refiro-me ao *Pretos e Brancos* do sr. Brito Camacho e à *África Portentosa* do sr. Gastão Sousa Dias. Repito: são dois belos livros, mórmente pelo intento que os anima, e Deus sabe com quanto prazer escreve estas linhas quem, como eu, tão distanciado se encontra por vezes do pensamento dum dos autores em questão, o sr. Dr. Brito Camacho... Mas, há que dizer a verdade. O livro *Pretos e Brancos* se, literariamente, não vale os *Quadros Alentejanos* ou a *Terra de Lendas* do illustre jornalista, — porque se trata dum simples diário de viagem, por assim dizer, feito com despreocupação e bom humor — vale muito para nós por nos mostrar que a politica (pelo menos no seu sentido vulgar!) é a maior inimiga de quem deseja trabalhar; que as nossas colónias poderiam ser a salvação moral e económica da raça portuguesa e que esta, transplantada do Terreiro do Paço para o nosso Ultramar, seria inteiramente outra, dês que as citadas arcarias bombalinas fôsem arrazadas... Não me permite a indole desta *Revista* precisar melhor o meu pensamento e,

possivelmente também, o do sr. Brito Camacho... Seja tudo em desconto dos nossos pecados, meu illustre camarada da imprensa! Mas seja-me licito escrever que, apesar de não concordar com certas notas em demasia cruas do seu trabalho, o li com todo o agrado, dum só fôlego, sorrindo quasi sempre com a maliciosa ironia das suas páginas, admirando a plasticidade da sua prosa em certas descrições, e lamentando *ab imo pectore* que os «intrigantes politicos das Colónias e da Metropole» em vez de terem inutilizado, a dentro dos viveiros da má-língua, a personalidade literária do Dr. Brito Camacho não a houvessem antes deixado ficar em Lourenço Marques, no seu Alto Commissariado, aonde poderia continuar um trabalho útil e escrever livros que a gente lê sem favor, antes com o apreço que merecem! Este *Pretos e Brancos*, por exemplo, que acabo de fechar e que vou ler mais uma vez, se dá licença!

Quando a *África Portentosa* do sr. capitão Sousa Dias, se igual é o intuito que a ditou, — o de tornar conhecido e de defender o nosso dominio colonial, — tem a caracterisá-la uma factura literária muito diversa da que anima o livro do sr. Dr. Brito Camacho. Este escritor, por mais que faça, não pôde fugir ao seu temperamento d'ironista: mesmo quando o assunto seja grave e severo, a ironia espirra-lhe irresistivelmente dos bicos da pena... Ora o sr. Sousa Dias, em quem nos apráz reconhecer verdadeiros méritos d'escriptor, possui um estilo muito diferente, muito seu, aqui e ali temperado por



Brito Camacho

uma tonalidade de suave melancolia. Por vezes, as páginas cheias de vida e de verdade da *África Portentosa* deixam aflorar uma nota de nostalgia pelo torrão natal do seu autor, para imediatamente se perceber que, este, — quiçá exilado voluntariamente! — por completo se deixou absorver e dominar pela paisagem e pela vida do seu Lubango... Creio serem raros os portugueses, nas condições do sr. Sousa Dias, que não vivam entre estes dois sentimentos: o da saudade pela humilde têrrinha que lhes foi bérço e o do afêro aquêlla aonde o trabalho e a luta pelo pão quotidiano nos fizeram lançar raizes quasi indestrutíveis... E, pelo menos o que se depreende das belas páginas escritas pelo sr. Sousa Dias, impregnadas tôdas elas dum tom de lusismo que não esquece. É um formoso livro, esta *África Portentosa*, e alguns dos seus capitulos,

cheios de côr e de verdade, são dum verdadeiro escritor. Citaremos por exemplo: *Nos areais de Mossamedes*, os dois capitulos de *Crónicas africanas*, *O Padre Antunes* e *Da serra ao mar*. Para um outro porém desejaríamos chamar a atenção de quem tenha o dever de ler livros d'êstes; assim o intitulado: *O distrito de Huila e as cobiças estranhas*, o qual, não desmerecendo literariamente dos outros do livro, possui a mais o mérito de ser um aviso salutar que bem desejaríamos vêr escutado e atendido por quem de direito!...

O sr. Henrique Costa neste *Terra Mater* com que, segundo nos parece, se estreia na litteratura, dá-nos uma prova de que lhe não faltam por forma alguma os predicados necessários para vencer. É um temperamento de colorista, de retina facilmente impressionável e vibrátil: as suas páginas estão empapadas de côr e de luz, apenas desmerecendo um pouco pelo verbalismo a que o autor se deixa levar. Certos capitulos, como, por exemplo, *A morte do Meão*, deixam entrever um real temperamento de prosador que poderá ser alguém um dia, se para isso estiver, e quiser furtar-se a exagêros de estilo que, poro serem, estragam tudo muitas vêzes. Qualidades não faltam ao sr. Henrique Costa. O resto é com êle!

Quando Anatole France, falando a respeito do sr. Jaime de Balsemão, afirmou que este sr. se guindaria nos tempos futuros as culmânias da gloria, valha a verdade dizer que falou não como um livro aberto, mas um pouco à maneira das cartomantas que por ali intrujam as lisboetas bastante creduças... Em primeiro lugar não acreditamos que o celebrado estilista gaulês houvesse lido jamais o sr. Jaime de Balsemão; em segundo, porque, de tudo quanto conhecemos do escritor em questão, nada nos autorisa a profetisar-lhe a gloria. É que, apesar do sr. Balsemão tentar ser estranho e inédito, nas suas *Memórias sem fim dum homem sem nome* a gente o que encontra é coizas por denais lidas, pedaços de influencia de muitos e variados autores, interpretações pouquissimo originaes — se é que o são, — e, quando calha, personagens horrivelmente faladoras, situações que pretenderam ser artisticas e que não passaram além de simples pretensão. Sobretudo, o que choca profundamente neste livrinho é o artificio, a falta de sinceridade, o estirado da elocução, o puro verbalismo: não há maneira de, a valer, nos interessarmos!... Porque não experimenta o sr. Balsemão ser sincero? As vezes até mesmo na extravagância há sinceridade!

Mario Domingues, jornalista de talento da extrema esquerda, fez uma novela intitulada *Entre vinhedos e pomares* na qual tentou defender os ideais que animam a sua vida de escritor. Perdõe o meu camarada de jornalismo que lhe digamos parecer-nos arrojada de mais a sua pretensão. Em primeiro lugar, os ataques que o seu revolucionário Carlos Martins faz ao catolicismo são deploravelmente sedícios e por demais refutados: simplesmente, havendo quem tenha estudado a vida inteira e concluido depois pela excelência daquilo que Mario Domingues ataca, este meu camarada sem estudo necessário nem exigível ponderação conclui pela condenação extrema e completa. Achamos arbitrário e duma injustiça feroz, duma intolerância rematada. Em segundo lugar, quer nos parecer história que no Alto Douro haja vinhateiros libertários: quanto muito há por lá o excelente rapaz que se chama Pina de Moraes e que, sendo um au-

tético temperamento de artista, em política felizmente não vai além do regime republicano... Em terceiro lugar não há Maria Luísa nenhuma neste mundo, — sobretudo no Alto Douro — que se deixe levar pelos escrúpulos e ideias da sua heroína! Quanto à fórmula casamentifera por Mario Domingues preconizada — a união livre com desprezo da Igreja e dos códigos, — as raparigas devotas dessa fórmula é que soem pa-

daquela joia aérea dava-lhe a ilusão de que ele era um soberano poderoso, o Rei de Cachemira: cem nayras em flor, catorze reis vencidos, as páreas triunfais de trezentas nações, enchiam-no de amor, poderio e gloria... Mas, um dia, quis analisar o sonho de que vivia... E com as mãos calosas, afeitas a carpintear, agarrou a joia faiscante que diante dele bailava sob a chuva de ouro do sol... Depois...

*Dissecou-a a tal ponto, e com tal arte, que ela,
Rota, baça, nojenta, vil,
Sucumbiu; e com isto esvaiu-se lhe aquela
Visão fantástica e subtil.*



Guilherme de Faria

gar as favas: ao cabo de nove meses vêem-se os resultados pelas portas de cada qual e sem a assistência dos autores.

... Enfim, isto é uma simples opinião. Não me queira mal por ela... E, a pesar de inimigos, venham de lá esses ossos! Ou eu não tivesse a certeza de que você ainda me há-de dar razão um dia!...

Não é evidentemente a nós, simples ignorante de questões de psiquiatria, que competirá analisar a razão ou sem razão das palavras que o ilustre alienista sr. Dr. Luis Cebola pospoz a este *História dum louco*. Cremos piamente que estejam certas. Mas, o que desde já poderíamos dizer é que nos impressionaram dolorosamente estas confissões duma desventurada criatura, este espelho fiel das lutas e misérias mentais por que passou a pobre alma do ignorado A. M!... De ha muito que não liamos coisa que tão profundamente nos abalasse, porque é a Via Dolorosa dum espirito enoitecido e, em boa verdade não ha, não houve nunca e nós não conhecemos noite pior que a do espirito!... E o motivo da impressão causada, está em que ali não existem artificios, ha simplesmente sinceridade... Ah, a dolorosissima impressão que nos deixou este livro, esta história duma alma contada por ella própria!...

Estas *Notas à lei do divórcio* dos srs. Mario de Gusmão Madeira e Rui de Lima Pereira de Melo, julgamo-las mais do que uteis a quem se dedique ao officio de advogado. Nem sempre estamos de accordo com certas opiniões dos referidos anotadores, mas isso não impede que, a dentro dos nossos limitados conhecimentos de aprendiz de leis, recomendamos o livro a quem estude esta complicada e tenebrosa lei do divórcio...

Este livrinho do sr. Guilherme de Faria, *Saudade minha*, possui, em boa verdade, lindos versos... Confesso que me surpreende pelo tom de suave lirismo que nelle anda preso, pela sincera melancolia que o domina. As liricas de que se compõe resumiram uma tristeza tão despida de artificio que, francamente, a análise critica se recusa a intervir. Analisar é decompor e, na maioria das vezes, estragar. Lembra-se os senhores daquelle poleã de que nos fala Machado d'Assis? Um dia o desventurado viu bailar diante da sua miséria, sob um chuveiro de sol, certa mosca azul, azas de ouro e granada, mais rutilante que as pedrarias do Grão Mogol. A vista

São pois, sem mais analyse, dignas de apreço as liricas da *Saudade Minha*. Quero acreditar que o sr. Guilherme de Faria tenha passado sinceramente para o papel a aza de melancolia que se agita no seu sonho, desprezando a obediência a sosismos que já passaram de moda. Quero mesmo crer que a doce tristeza de Bernardim tenha encontrado ecos sonoros no seu espirito... Simplesmente ha que olhar a vida não apenas por um lado mas sim por todas as facetas do prisma que ella constitui. A tristeza, — dizem-no os teólogos — é, na maioria das vezes, coisa diabolica e julgo ter sido S. Francisco de Sales quem afirmou que, «um santo triste é, na verdade, um triste santo»... A primeira coisa que se deve procurar é o *sentido de viver*. Ora este diz-nos que, se rasão há para lágrimas e aflições, grandes são também as alegrias que nos esperam. Examinadas bem as contas mesmo, as aflições e pesares maiores os torna a nossa fantasia, isto quando não é a própria mentira — tornada escola literária — quem se compraz em tomar ao pé da letra o pessimismo negro do Rei Sábio. Sofrer, chorar, são, na verdade, inerentes à natureza humana. Mas quantas coisas belas, quantas alegrias nos oferece também a mesma humana natureza!... Não acha que o sol é das mais lindas coisas que Deus fez? O amor e a esperança não serão porventura os mais formosos sentimentos que Deus pôs em nossas almas? E viver para tornar melhores os outros não será acaso uma fonte de alegria e o verdadeiro sentido da vida? Não procuremos pois com empenho a tristeza: esta virá muito bem sem que nós a chamemos... Lá dizia Cristovão Falcão:

*Anda a door desimulada
mas ella dar aa seu fruto...*

Silva Tavares tem na sua bagagem literária as mais formosas quadras ultimamente produzidas por poetas portuguezes. Os seus livros, *Quem canta...*, *Rosário de rimas*, e *Mais cantigas*, contêm dezenas de pequeninos poemas populares inexcitáveis de graça e comovido sabor popular. Agora surge-nos este minúsculo volume *Quem tem meninos pequenos...* pelo poeta destinado aquellas das nossas leitoras que possuam a felicidade de ter miudos em casa... Creio que valerá bem a pena comprá-lo, tão comovido acento o anima, tanta singeleza de expressão reveste as suas quadras! O delicioso livrinho!...

Narciso d'Azevêdo, Octávio Marialva e Sacramento Monteiro, são três poetas que se julgam impregnados de paganismo simplesmente porque nos seus livros se prendem com temas antigos da Hélade, enlevo da forma, ou culto da carnalidade extrema. Principalmente o primeiro, no seu livrinho *A cigarra de Teócrito* procurou reviver temas próprios dum árcaico envolvendo-os a todos em rimas opulentas. Trata-se evidentemente duma obrasinha que, não sendo banal, tem contudo um enorme defeito: o de não conseguir já hoje fazer vibrar os nervos de ninguém eficazmente. Pela parte que nos toca, embora reconhecendo reais qualidades no sr. Narciso d'Azevêdo, achámos frios os seus versos. Quanto ao sr. Marialva, se a vibração é maior, a forma é muito descuidada e ineulta. E pelo que respeita ao sr. Sacramento Monteiro — que é um poeta — se, como a nós, os versos insexuados lhe causam tédio, digamos também em abôdo da verdade que isto de versos em que a mulher sirva apenas de pretexto para exhibições de carna-

lidade, bem mal parados deixa ficar os créditos do rei da criação.

O amor é apenas aquilo de que nos fala o sr. Sacramento Monteiro? Quê? não é mais nada? só o contacto de duas epidermes, como queria Chamfort? Então em que nos distinguimos nós dos porcos?

O sr. Dr. Antonio Iraioz fez em abril passado uma formosa conferência no Teatro de S. Carlos, acerca da *Ideologia de José Martí*, um dos apóstolos da independência de Cuba. E essa conferência agora publicada em portuguez que temos deante de nós. Trata-se da comovida homenagem dum verdadeiro homem de letras a um dos maiores do seu país. Bem haja por isso.

Belissimo livrinho o que os srs. Carlos de Passos e Marques d'Abreu, sob o titulo geral de *Arte Portuguesa*, acabam de dedicar ao Porto. As palavras de que o primeiro destes srs. faz preceder as excellentes fotografias do segundo, são, embora um pouco rebuscadas, cheias de saber e de justiça, revelando por parte do seu autor conhecimentos d'história da arte e de arqueologia muito pouco vulgares.

Numa bela edição feita em Bombaim. e sob o titulo *Literatura Indo-Portuguesa*, enfeixou o sr. Vicente Bragança de Cunha alguns artigos seus que convém ler; segue-se a sr. D. Maria Victória Teixeira que se apresenta com uma novelasinha *Ecos da Tebaida*, toda ella vasada em moldes românticos e diluindo-se em considerações liricas possivelmente muito do agrado das suas leitoras de Faro; *Lições de coisas*, excellentes trabalho pedagogico de Vincent Murché, que o sr. Rodrigues Miguéis adaptou com toda a intelligência e saber; *Alucinações*, do sr. Silvas-vas, drama para a arte do silencio e que nos pareceu bastante arbitrário por vezes; *Claridades siderais*, do sr. Octávio Augusto, tudo em sonetos e aonde a par de versos muito aproveitáveis, há outros dum requincofismo detestavel... Por último vem as *Flôres do campo*, do sr. Braamcamp de Barahona, peça rústica em um acto e em verso. Já aqui expusemos em



Carlos de Passos

tempos o que pensávamos acerca do regionalismo em arte. A peçazinha do sr. Barahona péca por uma ingenuidade que nos pareceu muito forçada e, francamente, apesar de se passar no Alentejo, ao lê-la não nos foi dado sequer cheirar aquella provincia portuguesa, tão caracteristica e cheia de magestosa beleza.

ALVARO MAIA.

Os livros enviados à nossa Revista, para referência nesta crónica, não devem vir subordinados a dedicatórias individuais.

A DRIÁDE (FANTASIA PRIMAVERIL)

ESTAVA em plena floresta, sózinho, meditando.

Com meu olhar atento penetrava o grande flanco da Natureza.

Todo o bosque andava pejado de luz, rumorejante de anseios vagos, e a Primavera, retoçando a meus olhos, drapejava-se de verde, corava-se de azul celeste, numa desenvoltura, em meio de um terno alarido de cores e de descantes.

Ela mais surgiu que chegou. Levantou-se-me ante o olhar absorto, tal uma formação espontânea e repentina, logo visual, grácil, maravilhosa, no meio de toda aquela folhagem entrelaçando-se em opimo verdor.

Não vi — declaro-vos — que as folhas se separassem, sequer se agitassem, para deixarem passar aquele elegante corpo de mulher, duma única, rítmica, desusada plástica.

Nenhuma interessada se fez no bosque para destrinçar do seu vulto. E, assim, a natureza não sofreu o mínimo deslizar na sua homogeneidade. O todo não se fragmentou naquele parto sem dor.

Seu aéreo corpo, verde, dir-se-ia o de estátua animada, um bronze nu, banhado em tonalidades frescas, húmidas de vida. Seu olhar, luzente e glauco, de pupilas de violeta e pálpebras pintalgadas de orquídea, mal que o fitei, iluminou-se numa vibração musical de verde rútilo, para logo mudado em nuances de ouro e aurora, sob a sobranceira espessa, ruiva de açafrao.

Num esfranzir de lírio ríxo-tênue, batiam-lhe os cílios, dando a ilusão de desfazerem-se em flozinhos de pólen, tal a asa ferida de borboleta, atirando o seu póznho cõr de sol.

Os cabelos fartos, entretrecidos em duas belas tranças do aspecto das folhas da vigândia, caíam-lhe à frente, por sobre as clavículas, até quasi às rótulas, que eram formadas em cálices de nenúfares e de lótus.

Os lábios, um tanto grossos, carnudos, sensuais, compunham-se de tenridões de flor de amendoeira, numa fusão de neve e rosa, e deixavam escapar um sorriso palpitante, imperceptível quasi, um como contínuo anélio de zéfiros.

Fitou em mim o seu olhar redondo e calmo, e, ao ver que eu a olhava, semicerrou as pálpebras numa delícia gulosa, amorosamente.

Estava há muito tempo ali, aquele delicioso corpo de mulher feito de verdor e perfume, nu e como suspenso? Desprendera-se, naquele instante, no seu colorido de epiderme sem gradação especial, e apesar disso destacando-se dos verdes que o cercavam?

Não sei. Sei apenas que o via; que o meu olhar o contemplava como se de dentro de si para fora o formara, num vago encanto em que se embevecia, a um tempo criador e escravo da sua obra, obra alucinatória, quero crer, mas duma acuidade de visão, que dir-se-ia pura realidade, tal como em certos sonhos, que se têm uma noute, e, ao despertar, nos ficam na mente como enquadração fulgente e nítida da situação mais vivida, mais real.

Preguntei-lhe de chofre:

— Viva, Driade, como está, passou bem?

— Boa e sãzinha como minha mãe-Natura.

E tu?

E naquele *tu* havia uma acentuação de densidade tal, tão estavanada, que me pôs logo amoroso em fogo.

Palpitou-me o coração, em asas de chama; o olhar absorveu, bem como o ouvido, talqual uma esponja absorve a água, o todo e a voz da minha deliciosa interlocutora.

— Sabe, poeta? — adiantou ela, entre cerimoniosa e ladina, como quem ordenava comeder o meu amoroso arrebatamento — vivi já num cair de luz, presa de raios de sol, mas sentia-me ali como num degraço. Não fazes idéa como estava ralada de saudades pelos meus

companheiros: meus faunos, ninfas, náides, driades e sátiros!...

— Gosta então mais da terra e das folhas verdes que da luz?

— Sem dúvida, porque pertencio ainda ao grupo dos seres que não são nem puramente imortais, nem completamente mortais, isto é, sou do reino da transformação. A minha vida natural é entre as auras e as flores. Vivo invisível aos olhos dos mortais, e, só uma por outra vez, apareço aos olhos dos poetas, que são seres que caminham para a minha região — a do Sonho.

— Ao que ouço, a driade não gosta muito do convívio com os mortais?...

— Pelas auras que passam e os zéfiros que correm, não digas tal! Seria não fazeres jus à minha delicadeza inata!... No convívio dos mortais eu sinto um prazer vulgar. Não sabes tu como e quando? Quando seus olhares me afagam, ou se a meu lado, sem que me vejam, remansam de amor ou sonham idílios. Mas, o meu maior prazer consiste em vê-los assistir, sem darem por isso, às airoas danças em que tomo parte como dirigente, com os seres das minhas relações, ao ar livre: nas clareiras, ao luar, ou no seio das florestas, na poeira do sol.

— Então, há uma sociedade invisível, dotada duma vida estranha e palpitante, no seio das florestas, e que os mortais não conhecem?

— Que não conhecem, mas que pressentem, quasi adivinham. Sabes muito bem que os homens falam da vida das ninfas, das náides e de tantos outros seres meus afins, sem que nunca os hajam visto. Ora, o que é isto de falar do que se desconhece senão antever?

Falando assim, a driade tomava uns ares esfingicos, sonhadores.

Preguntei-lhe então, embora com certo embaraço: «Não poderia eu, driade, assistir a um desses bailes?»

— De certo. E porque não? É mesmo esta a hora a que esses bailes se realizam. Convoquei, para hoje mesmo, um, aqui, no interior da floresta. Escuta!... Olha!...

Escutei e olhei. Fizera-se, súbito, um agregado de ténues rumores distantes. Rodeava-me um esplendoroso luar. Tinha passado as horas como por encanto, e aoutecera sem transição.

Mas, o luar, o luar... eu nunca vira assim um luar...

Eis, agora, um grande ruído se faz na folhagem, ruído que aparta e rasga as folhas, que voam, e os tronquinhos, que caem, e uma coréa de mulheres se mostra, umas verdes, de olhos glaucos; outras de carne da cõr dos lótus; de madeiras ou tranças umas cõr de sol, outras cõr de luar, outras de violeta e outras de açafrao. E, de corpos todos nus, mas duma nudez pulcra, graciosas, purissimas, divinas, ei-las redopiando sem assentarem os pés no relvedo, tocando-os ao de leve pelas folhas e flores...

Souu uma flauta de amor. Tangia-a uma ninfa de corpo cõr de aurora e tranças de glicínia, relanceando olhares de brilho tão raionante, que ia como aguando a floresta de luz suave, uma luz entre púrpura e violeta. A cinta, leve e delgada, era-lhe velada por uma gaze luarina. E a música surgia, uma música vaga e lenta, de vibração suave e terna, penetrante como o perfume, avassalante como a luz do sol.

Era uma ária divina, vagamente coleante, música de sonho, qual o mais doce oboé com seu mixto de violino; uma melodia pura, entrecortada de flutissantes acordes de harpa eólica, a segredar sons, como convulsivamente.

Repente, aquela harmonia entre pagá e mística foi cortada dum forte estralar de ramos, e um novo cair de folhas e desprender de tronquinhos, vindo do lado oposto ao de onde tinham surgido as ninfas, mostrou, em correria louca, rompendo vigorosamente o pano da folhagem, um bando de seres tostados de sol, todos cõr de

barro, uns peludos, outros de epidermes luzidias.

Alguns tinham cabeça e olhar caprinos, e uma barbicha singular, que se animava de movimento próprio, quando gesticulavam. E os lábios de todos tinham também um movimento de vida própria, como remexendo por si. Tinham, outros, pés e pernas de gâmo, sendo o resto do corpo de seres humanos, e possuindo um olhar insinuante, tão insinuante como se estivesse em constante magnetismo de amor.

Les fitavam as ninfas, e estas os fitavam num olhar entre concentrado e calmo, denunciando um atrevimento franco, que me embaraçava, ao olhá-las...

Formaram faunos e sátiros uma espécie de coréa muito sua, e dançavam, ora nos saltos bruscos, por entre a folhagem, ora lentissimamente, correntios e calmos, por sobre os ramos.

Ja na frente de todos um sátiro idoso, mas robusto, tangendo uma frauta de Pan. E os sons dela combinavam-se tão bem com os da flauta de amor, que compunham uma harmonia maravilhosa, a cujas ondulações caíam, por sobre as ninfas, esfufando-se em chuva de pétalas, as flores inúmeras, que trepavam e se entrelaçavam nos mais altos ramos.

Eis agora a coréa dos sátiros e faunos rodeia a das ninfas, náides e driades, ora envolvendo-a e ora penetrando-a, de modo que, a vezes, a roda exterior é de faunos, a outras, a interior é deles e a exterior de ninfas. E assim, no redopio, ora lento, ora vertiginoso, agora se via a cõr de barro por fora emoldurando as flores da carne; logo as floridas ninfas surgiam emoldurando a carne rúde e térrea dos seus adoradores.

A um dado momento e a um grito áspero e silvano, saltado em unissono por todos aqueles seres estranhos, faunos e ninfas se entrelaçam aos pares, redopiam fortemente unidos, numa vertigem de dança louca e scintilante. Depois, uma chuva de ruidos dispersos ecoou pela floresta, num estorrear de risos, uma granizada de beijos, e cada fauno e sátiro, arrebatado nos braços possantes a sua ninfa ou náide ou driade, penetrou com ela no mais espesso do verdor.

E a floresta abria o seu pano verde, que atrás de cada par se fechava; e o granisar de ruidos diminuía distanciando-se; e a música das flautas não era já mais que um flutissonar vago, muito vago...

Depois, o silêncio, um silêncio pesado, profundo, como se não sóprasse a mais ténue aragem, e nem um só insecto, quanto mais uma única ave, existisse.

Fitei tudo, ao redor, e, em dado momento, atrás duma luzerna da folhagem, vi dois olhos redondos, glaucos, luminosos, a sobressair de pálpebras pintalgadas de orquídea e de violeta, movimentando os cílios num esfranzir de pólen cõr de lótus, e uns labios de fogo-laca e arrebol, que me sorriam mostrando uns dentinhos gulosos, de tenridões neve e rosa de flor de amendoeira. *Ela!*

— Boas noutes, driade! — lhe disse, pois reconhecera — pudéra! — a minha interlocutora.

E ela, esfufando nos olhos uma espécie de cólera amorosa, o olhar muito iluminado, mais ainda que de costume:

— Porque não seria tu antes um fauno, poeta!

Cerrou o pano verde do arvoredor, desaparecendo, numa argentina risada mixta de flauta de amor e de Pan.

E então, eu pensei, só, silencioso e como enfiado dum imenso tédio, um colossal pesar!

— Sim... Ela disse bem, a bela Driade. Porque não seria eu antes um fauno!... Ah! porque, vindo eu tão de perto toda aquela sociedade oculta da floresta, a ponto de poder tão nitidamente descrevê-la, porque antes um fauno eu não seria?!...



TEATRO



TEATRO NACIONAL

REABRINDO as suas portas para a época de verão, o Teatro Nacional fez um milagre: — restituiu Ilda Stichini como um filho pródigo, ao seu verdadeiro lar artístico.

A convite de Alexandre de Azevedo, a gentilíssima actriz voltou, com efeito, a pisar as veneráveis tábuas, embora numa peça anódina dum dramaturgo obscuro do ante-guerra.

Não se pode, em verdade, afirmar que neste passo a Casa de Garrett tenha, como no passo da Bíblia, imolado o seu vitelo mais gordo e pendurado à soleira da porta festões de mirto e de rosas.

A mesma lepra do desmazêlo e da penúria, como dantes, lhe corrói os muros e lhe entulha os bafientos porões. Os mesmos escalavrados soalhos sem tapêtes, o mesmo lamentável cenário d'aquem e d'além ribalta, o mesmo arripiante desconforto dos tempos imemoriais, atestam e proclamam bem alto que no nosso primeiro teatro, espelho e nata das responsabilidades do Estado, não há o hábito dos dias fastos nem o gôsto da galantaria.

Alega-se, decerto, que a canícula tudo perdôa e desculpa. Com efeito, nesta quadra em que os corpos e as almas andam ao léu, tudo é ligeiro e sem cuidados. E só assim dalgum modo se explica que o regresso da talentosa artista à scena do Nacional não houvesse sido, como de justiça, celebrada com tôdas as honras.

Herdeira espiritual da grande Rosa Damasceno, com sua voz de oiro puríssimo, seu potencial de irradiante e luminosa ternura, seu rico galbo de feminino encanto, e sua portuguesíssima simplesa de maneiras, Ilda Stichini merece oem que se lhe faça um lugar de eleição na baralhada tabuada dos valores actuais da scena portuguesa. Ela tem sido a Desdemona lilial e branca do drama torpe e sombrio que é a história do nosso teatro dos últimos anos. Como um raio de sol matinal, onde ela entra tudo alumia e transfigura. E em muitos pedregosos caminhos ela tem feito desabrochar as rosas, e em muitos desertos adustos ela tem sido a palmeira e a fontainha de oásis.

Quando Portugal voltar a ser uma pátria europeia e não uma mera expressão geográfica, à margem da Cultura, da Civilização e da Beleza, o nosso Teatro, na sua essência literária, como na sua realização plástica, renascerá das cinzas contemporâneas.

Mas o nosso teatro, dum dinamismo por via de regra ingénuo ou rectilíneo, todo tecido na trama pobre dêsse lirismo ingénito que já nos bons tempos d'El-Rei D. Dinis fazia de Portugal, por excelência, a pátria dos que

Lloran de puro amor

o nosso teatro, repetimos, por mais voltas que o mundo dê ou por mais contrários que os ventos soprem, há-de necessariamente trasbordar sempre de ternura, de piedade e de emoção,



(Cl. S. Nogueira)

Ilda Stichini

para que logre acordar nas platéas o êco simpático e a vibração unisona dos seus entusiasmos estéticos. Não se lhe exija outra medula nem outra substância. A conformação psíquica do português é tôda de sentimento e de emotividade. E mais do que nunca, nestes tempos fuscões de decadência, pelos seus desvios de sensibilidade, pela sua morbidez sensual, pelos seus relaxamentos de vontade e de razão, o seu espirito é tão naturalmente inclinado à piedade e à ternura como é impermeável à inteligência, à reflexão e à ironia.

Sempre os artistas de imaginação e de vôo lírico foram, em prejuizo dos outros, os ascetas

do pensamento ou do saber, os grandes animadores e os grandes ídolos populares.

E um comediante, de resto, como o orador e o poeta épico, deve, antes de mais nada, ser um animador de multidões.

Por isso Ilda Stichini tão depressa conquistou, sem aparente esforço, um dos primeiros postos na scena portuguesa. Por isso há que contar com a gentilíssima artista para a renovação do teatro português. O seu natural talento, a sua clara intuição, a sua inconfundível graça feminina e o seu potencial de simpatia humana, se, em qualquer latitude lhe teriam sempre assegurado um posto de eleição, com dobradas razões lho assinalaram há muito nos domínios característicos do nosso teatro, tão rico de sol, de paixão e de tôdas as melancolias do sul e da raça.

Estamos em plena canícula, e por ora não há que dizer.

Mas antes de três escassos meses, o inverno e as suas obrigações mundanas virão bater-nos à porta, com os primeiros frios.

Os teatros reabrirão para a campanha de inverno. Constituir-se-hão os elencos. Organizar-se-hão reportórios.

E o Teatro Nacional? O que pensa o Estado fazer dêle?

Finda a actual temporada, o que espera o providente Estado fazer do imponente edificio que o poeta da «Dona Branca» com tantas canseiras fez erguer desde a primeira pedra?

Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo já de facto o ocupam e honram. Quando se lhe juntarão, porém, outros nomes, de igual prestigio artístico, para que o velho teatro definitivamente se integre na sua nobre e salutar função social?

Todos os trabalhos e esforços que neste sentido se empregaram para obter do Estado alguma coisa de positivo, em face da penúria do Tesouro parecem ter fracassado.

Mas urge tomar providências. Com o que nos resta de artistas de incontestável mérito pode ainda constituir-se um núcleo homogêneo, de responsabilidade efectiva, e com uma fôlha já gloriosa de serviços ao teatro.

Êsse seria o núcleo a ocupar de direito o Teatro Nacional.

Porque não é êsse o critério fundamental a adoptar para o futuro regimen de exploração?

RIQUEZAS NATURAIS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS



Trigo: Campo experimental próximo de Chinguar, no Bié

Se o povo português tivesse uma noção exacta do valor económico das suas possessões ultramarinas, se elle conhecesse as imensas riquezas naturais que elas encerram, certamente que teria uma mais profunda fé nos destinos da raça, no futuro do país e na nossa missão criadora através a história futura, que há de ser uma sequência natural da do passado.

Porque tantas cubiças serpenteiam em tórno

terra, espalhados por todo o mundo, que atestam uma epopeia inegalada no passado e uma promessa de prosperidade no futuro?

Fôssem elas inhóspitas e estéreis como o são as regiões visinhas dos desertos de Sahará e do Kalahari — e pelas quais, aliás, algumas nações fazem bem dispendiosos e bem improduttivos sacrificios — que nenhuma ambição perderiam tempo em tecer, em nosso redor, aquela intriga

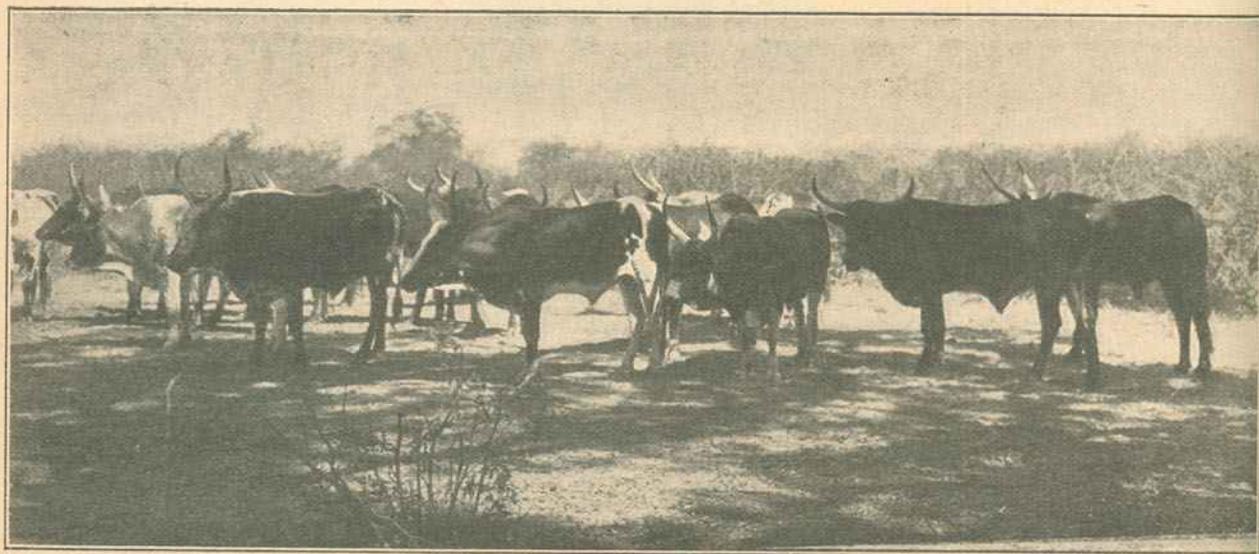
de Angola, de Angola, internacional que nos enche o caminho de obstáculos e entrava o progressivo desenvolvimento das colónias portuguesas.

de Guiné, de Timor, de Cabo Verde, de tódas as nossas provincias ultramarinas? Missões de estudo inglesas, alemãs, italianas, tem percorrido Angola e Moçambique, de vez a vez, e tódas elas afirmam a existência dum solo rico, dum humus cheio de vitalidade, duma fauna própria, riquissima em oleaginosas, em resinas de tódá a espécie, em frutos saborosissimos e ricos sob o ponto de vista alimentar.

Porém, não são só os produtos da zona tropical que ali encontramos, mas também os próprios das zonas longi-equatoriais e até das zonas temperadas. É o café, é o açúcar, o tabaco, o cacau, o algodão, cuja produção de superior qualidade vai dia a dia aumentando devendo vir a atingir cifras importantissimas e garantindo-nos uma situação futura de destaque nos mercados mundiais.

Mas nalgumas das nossas colónias, nomeadamente na de Angola, outras culturas são ainda possíveis, as quais contribuirão duma forma directa e decisiva para a resolução da crise metropolitana.

Referimo-nos ao trigo e ao milho. Éste último é já hoje produzido tanto em Moçambique como em Angola, em quantidades bem apreciáveis, dando lugar a uma exportação no valor de muitos milhares de contos. Como a sua cultura



Um lote de cem bois prontos para a venda

é feita, em regra, pelos indígenas, e o seu transporte para a Metrópole é moroso, acontece que, por falta da conveniente limpeza e arrecadação, é, muitas vezes, atacado por parasitas que o corrompem e destroem.

Esse inconveniente em breve desaparecerá em Angola, pois que sendo o milho desta província quasi todo produzido no planalto de Benguela, terá como natural escoante o porto de Lobito, onde se estão construindo silos monumentais, providos de aparelhos de limpeza e separação dos grãos.

Quanto ao trigo, esse cereal que tão grande papel desempenha na alimentação e que tão funestamente actua no valor cambial da moeda portuguesa, o problema da sua produção nas

Mas não é só sob o ponto de vista agrícola que as nossas colónias representam verdadeiros mananciais de riquezas. Também pecuariamente elas se nos apresentam como um vasto campo de exploração, capaz de tentar os mais retraídos e medrosos capitais.

A *Ilustração* apresenta hoje uma documentação gráfica que comprova o que afirmamos.

Para apenas nos referirmos, por agora, a Angola, diremos aos nossos leitores que, tanto no centro como no sul desta riquíssima província, há uma extraordinária abundância de gado bovino. O que convém é seleccionar as espécies, afim de obter melhores produtos e depois, conseguir por determinados cruzamentos, revigorar essas espécies.

aliás o de Moçambique, manifesta um grande gosto e até uma certa aptidão para se dedicar á criação do gado, sendo este a base das suas economias e o valor único das suas pequenas fortunas.

Também o gado ovino e caprino se pode desenvolver nas nossas colónias, principalmente este último, mas, por enquanto, apenas algumas tentativas tem sido feitas, sem que possamos firmar os seus resultados. Em todo o caso, é de notar que uma empresa italiana que estudos fez nesse sentido, se propõe explorar em Angola a criação de carneiros de lã fina.

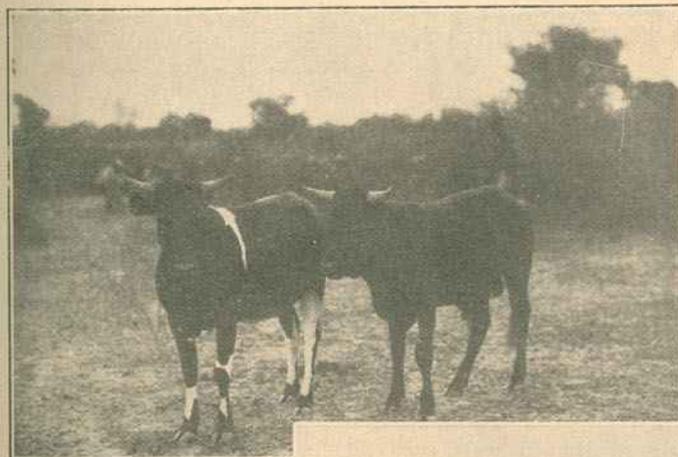
Não querendo deixar de falar no gado suíno, diremos que esta espécie animal se tem desenvolvido em Angola de uma forma bem sensível.

Não é somente o colono quem habitualmente, em cercado próprio, cria este valiosíssimo animal, tão útil e tão apreciado na alimentação. O próprio indigena gosta de criar o seu porco, engordá-lo e fazê-lo procriar. E não raro é encontrarmos *sanjals* onde alguns exemplares desta raça se apresentam gordos e bem tratados.

Dada a facilidade com que a espécie suína se adapta a qualquer alimentação, vê-se quão fácil será aproveitar para esse fim os frutos de todas as variedades nutritivas que em Angola abundam, principalmente aqueles que maior quantidade de matéria azotada possuem.

Também outra espécie animal, profusamente dispersa, tem uma primacial importância na alimentação do europeu: a saborosa galinha do mato, com os seus ovos.

Longo seria o explanarmos aqui a série de riquezas que



Um macho e uma fêmea
filhos do mesmo touro (idade, 1 ano)

colónias entrou francamente no campo das realizações.

Depois de dispendiosíssimas e demoradas experiências para a selecção das variedades de sementes adaptáveis á cultura nas terras dos planaltos de Angola, experiências feitas pela Companhia Agrícola e Pecuária de Angola, conseguiu-se fixar quais as espécies próprias do clima e do regimen de chuvas, capazes de resistirem ao terrível flagelo da *ferugem*.

As primeiras colheitas foram uma afirmação e não apenas uma promessa. Hoje poderemos contar, dentro de meia dúzia de anos, com o trigo de Angola para cobrir o déficit da produção metropolitana e até para fazermos uma importante exportação para o estrangeiro.

Oxalá que, seguindo o exemplo daquela companhia, as empresas que hoje trabalham em Angola e as que, porventura, venham a organizar-se, prossigam na cultura do trigo e transformem a selva de denso capim em belos trigais verdejantes.

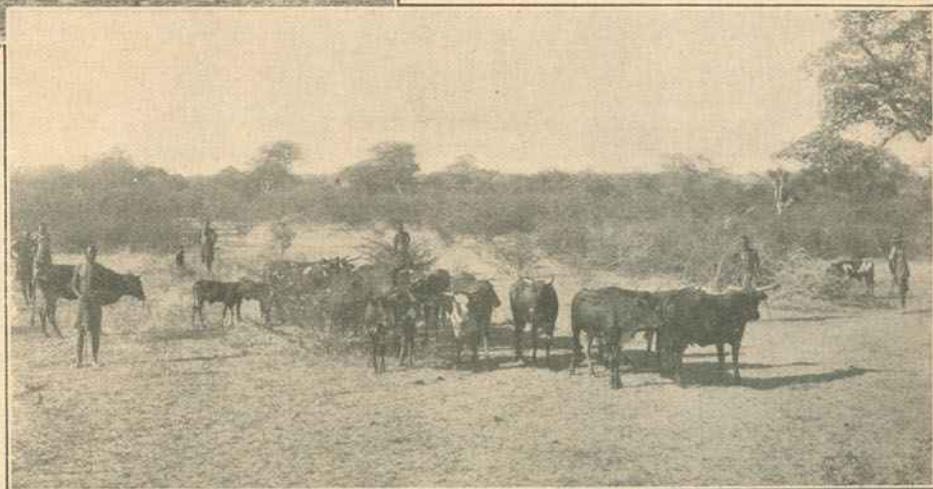
Essa obra de selecção foi iniciada pela já citada Companhia Agrícola e Pecuária e pelas nossas gravuras se poderá verificar a existência de alguns exemplares dignos de registo.

Outras empresas e alguns lavradores do sul estão procurando apartar as boas castas e, assim, já hoje umas centenas de milhares de cabeças de gado bovino constituem organizadas manadas que dentro de alguns anos terão duplicado.

E' de notar que o indigena de Angola, como

as nossas colónias abrigam no seu seio; só a pouco e pouco o faremos, para que sejam devidamente conhecidas e apreciadas.

Só assim teremos uma noção exacta e conscienciosa do valor intrinseco dos vastos domínios coloniais portugueses. E também só assim obteremos a explicação dos vãos de abutre que internacionalmente se desenham em torno de algumas das nossas colónias.



Um lote de gado indigena seleccionado -- Vacas e crias com alguns pastores

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 14.º número)

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | A | T | A | R | | | | | | | | | | | C | A | E | S |
| 2 | U | R | I | D | A | S | | | | P | A | S | | | T | R | I | |
| 3 | D | A | D | E | S | E | S | P | E | R | E | S | | | A | L | | |
| 4 | A | S | O | | | C | O | A | S | | | | | | C | S | E | |
| 5 | C | | | M | | C | A | N | T | A | R | | | | I | | | N |
| 6 | I | | | A | P | O | S | S | A | R | I | A | S | | | | | C |
| 7 | O | | | R | E | U | S | | | | | | | | | | | I |
| 8 | S | | | I | N | V | E | N | T | A | S | S | E | | | | | O |
| 9 | O | U | A | T | E | | | | | | | | | E | I | S | | E |
| 10 | S | P | A | E | B | O | L | A | | | | | | M | T | I | O | |
| 11 | | | A | L | I | P | O | D | E | I | S | | | | C | O | S | |
| 12 | | | | I | R | A | | | | | | | | | | | | |
| 13 | | | | A | O | | | | | | | | | | E | M | | |
| 14 | V | A | E | S | | E | M | | | | | | | A | S | | O | R |
| 15 | A | I | S | | A | S | A | | | | | | | | R | I | O | A |
| 16 | E | S | | T | U | | | | | | | | | | S | A | | A |

• • •

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| S | S | O | O | O |
| O | B | B | V | E |
| E | R | R | R | R |
| C | C | H | U | U |
| A | A | I | M | |

Definições:

Debaixo. — Forma antiquada de ovelha. — Onde as crianças dormem. — De mau coração. — Não está cosido. — Atrever-se. — Advérbio do lugar. — Uma parte do corpo.

• • •

Senhora de idade, passando por um rancho de garotos: — Santo Deus! Nunca ouvi semelhante linguagem desde o dia em que nasci.

Um dos garotos: — Ah! então rogaram muitas pragas quando a senhora nasceu?

TEMPO BASTANTE

Poucas semanas antes de completar o seu centésimo aniversário, o célebre escritor francês Fontenelle estava na Ópera quando um inglês lhe entrou no camarote e disse: Vim de Londres expressamente para ver o autor de *Thétis e Peleus*.

— «Meu caro senhor — replicou Fontenelle — tenho-lhe dado bastante tempo para isso.»

• • •

Aconselhavam a Filipe da Macedónia que exilasse um homem que gracejava à sua custa com mordacidade, mas ao mesmo tempo com espírito.

— Terei todo o cuidado em nunca fazer tal — respondeu Filipe — porque êle iria pelo mundo fora dizer as cousas que só diz aqui.

• • •

Conta-se de Molière, que tendo estado uns dias de cama, doente, alguém lhe mandou um médico para o tratar e que quando êste chegou, indo o criado anunciá-lo, Molière disse ao criado: «Dize-lhe que não estou bem de saúde e que não posso receber ninguém.»

• • •

Ruy: — Meu tio Carlos, há cinco anos que não corta o cabelo.

Lionel: — Sim? Não sabia que tinhas um tio excêntrico.

Ruy: — Não é excêntrico, é calvo.



Este cavalheiro está chamando pelo criado. Onde estará êle que não aparece?



— Dize-me cá, como te dás com teu marido?
— Perfeitamente! Olha, não sei mesmo como isto é, mas sou eu sempre que tenho razão.

AS DAMAS COROADAS

(Solução)

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| 4 sobre 1, 6 sobre 9, 8 sobre 3, 5 sobre 2, e 10 sobre 7. | | | | | | | | | |

• • •

AS DEZASSEIS PEDRAS

(Problema)

Como se podem colocar num tabuleiro de damas dezasseis pedras de forma que só duas, e nunca mais do que duas, fiquem em linha recta quer diagonal, horizontal ou vertical?

• • •

No Club.

O massador: — Você havia de ver o meu pequeno. Está um perfeito rapazinho. Há já três meses que anda.

O cinico: — Oh! A roda do mundo, não é assim?

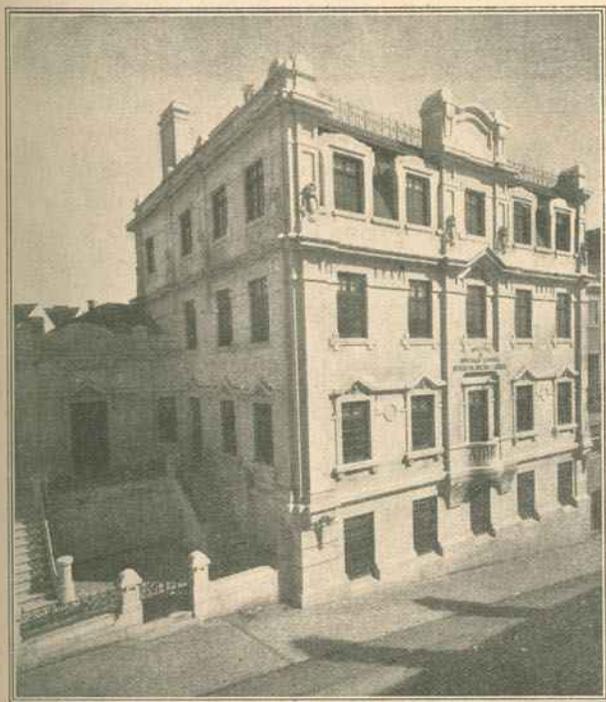
• • •

MOTIVO PARA RISO

Ligório: — Aposto que posso olhar para a tua cara, sem rir, mais tempo do que tu podes olhar para a minha.

Tiburcio: — Olha, também eu aposto que podes. Basta a tua cara ser muito mais cómica do que a minha.

O INSTITUTO ROCHA CABRAL



Edifício onde está instalado o Instituto

Há quatro anos faleceu, em Lisboa, Bento da Rocha Cabral, rico trasmontano que angariara no Brasil a sua avultada fortuna, deixando testamento em que determinava que a maior parte dos seus bens fôsse destinada à criação de um estabelecimento de investigação científica que tivesse o seu nome.

Foi um acto sem precedentes no nosso país. Os donativos e legados de interesse geral são atribuídos por portugueses a instituições de caridade, principalmente religiosas, e, em menor grau, a estabelecimentos de ensino. A utilidade dos institutos de investigação científica não é, podemos dizê-lo, reconhecida pelo povo português, como o é, por exemplo, pelo povo norte-americano. Por isso a disposição testamentária de Rocha Cabral constituiu uma surpresa para a nossa gente culta, para quem justamente se tornou grata e respeitada a memória do nosso benemérito compatriota.

No testamento havia ainda a notar como interessante o ser cometido ao dr. Ferreira de Mira o encargo de instalar o novo estabelecimento de investigação científica, visto não haver entre os dois relações pessoais e o testador só conhecer o dr. Ferreira de Mira pelos escritos d'este publicados no jornal *A Luta*.

Recolhida a herança, declarado o Instituto de utilidade pública nos termos das leis em vigor, aprovados os respectivos estatutos, foram efectuados os trabalhos de instalação que se realizou na antiga Calçada da Fábrica da Louça, hoje Calçada Bento da Rocha Cabral, no prédio que foi residência do testador.

namente a vida desafogada do seu instituto.

Na sua disposição testamentária Rocha Cabral apenas determinou a criação dum estabelecimento de investigação científica, sem indicar sobre que ciência ou ciências devia incidir essa investigação. A escolha, porém, que fez do dr. Ferreira de Mira para a execução dessa sua vontade, levou a supor que fôsse seu pensamento a investigação no domínio das ciências biológicas, nas quais a pessoa escolhida tem oficialmente competência pela sua situação no

professorado universitário. Assim, foi o Instituto preparado e apetrechado para estudos biológicos, por acôrdo do Conselho Administrativo e do Director. O Conselho Administrativo, que é a autoridade superior do Instituto e o representa legalmente, foi primeiramente constituído pelos dois testamenteiros e por mais três pessoas por eles escolhidas e de reconhecida idoneidade.

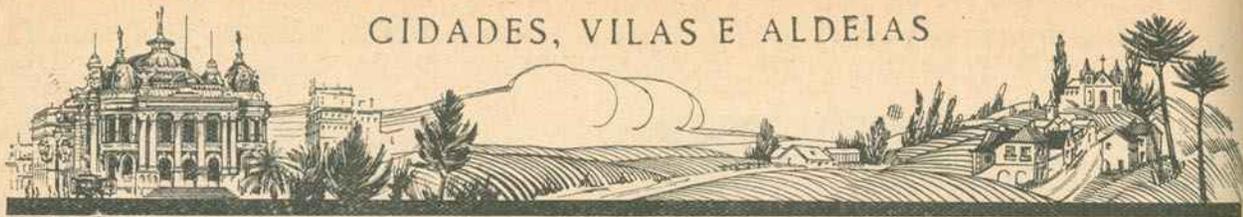
Vale a pena visitar o Instituto Rocha Cabral, que trabalha já desde Novembro passado, embora não estivessem nessa data terminadas as obras de instalação. É agradável o edificio, mesmo pelo seu aspecto exterior, e os laboratórios, espaçosos e bem iluminados, asseguram aos investigadores aquele grau de comodidade no trabalho, sem o qual este pesa, entristece e repugna.

Na primeira sessão do ano corrente da secção portuguesa da Sociedade de Biologia de Paris, foram apresentados os primeiros cinco trabalhos realizados no Instituto. Outros se lhes seguiram, sendo de esperar que no ano próximo o Instituto possa iniciar a publicação dos seus para essas despesas e para a compra de mobiliário e de material de laboratório. O capital legado por Rocha Cabral mantém-se intacto, o que assegura plenamente a vida desafogada do seu instituto.

O Conselho Administrativo é actualmente presidido pelo sr. coronel Graveiro Lopes de Oliveira, tendo como vogais os srs. João Moniz Pereira, Guedes de Matos e capitães Denis Sampaio e Costa Santos. Trabalham como investigadores, além do director do Instituto, os srs. dr. Simões Raposo, prof. Loço de Carvalho, Ferreira de Mira, filho, prof. Celestino da Costa, dr. João Calisto e engenheiro-agrônomo Silveira. Trabalhava também no Instituto o ilustre naturalista Carlos França, falecido há poucos dias



Um dos laboratórios do Instituto



SANTO TIRSO DE RIBA D'AVE

QUEM haverá que, trazido um dia, pela mão caprichosa do acaso, a peregrinar por estas bandas e demorando nesta venusta vila por poucas horas que seja, se afaste dela sem levar os olhos cheios de visões fagueiras e a alma bem atestada de saudades?

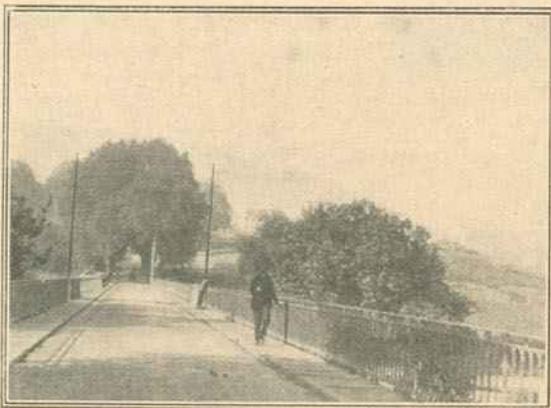
Recrutados entre a gente mais ilustre, tem ela sabido conquistar inúmeros admiradores e entusiastas panegiristas, tais como Alberto Pimentel, o polígrafo tão estimado, que sobre ela escreveu uma monografia muito carinhosa, e o próprio Camilo, o formidável Camilo, de quem, aliás, poucas ou nenhuma vilórias ou aldeias eram desconhecidas nestas paragens.

A 24 quilómetros ao norte da cidade do Porto, a origem da povoação, em face do que historicamente foi possível documentar-se, prende-se à do mosteiro ali edificado, em época tão remota que autores há que não hesitam em atribuir-lhe a qualidade de templo romano, na sua fase primitiva.

Este mosteiro, tendo sofrido várias reconstruções, a principal das quais em 1650, é notável pela sua vastidão e pela solidez dos alicerces. A fachada do edifício deita para um espaço largo, que tem ao centro um belo cruzeiro de mármore róseo.

Esse claustro, a parte mais amiga do edifício, com os seus quatro lanços abertos em arcos, oferece a particularidade dos ornatos dos capitéis das colunas que os sustentam. Em relêvo, que seria arrojado dizer perfeito, descobrem-se nêles imagens curiosas, como harpias, rostos de gente da moirama, leões e outros animais. No meio do claustro existe um chafariz de pedra, talvez do primeiro quartel do século XVIII, enriquecido com esculturas não desprovidas de arte.

A parte moderna da vila não tem de que se envergonhar à vista da doutros povoados que se gabam de progressivos: há nela muitas moradias confortáveis e denunciando, pela sua fisionomia, o bom gosto dos proprietários.



A ponte sobre o rio



Vista do Ave e da Igreja Matriz

Assente embora em terra duriense, segundo a obsoleta divisão do país em províncias, Santo Tirso parece, pela exuberância e frescura dos seus campos, pelo seu viçoso arvoredo e pelo ar alegre de toda ela, pertencer já ao Minho ajardinado e risonho.

Muito contribui para essa graça bucólica o rio Ave, que lhe passa rente e toma jeitos de a cortejar, como pagem enamorado aos pés de formosa infanta. O povo, que não ignora quanto as águas do Ave influem na beleza da sua terra, canta assim:

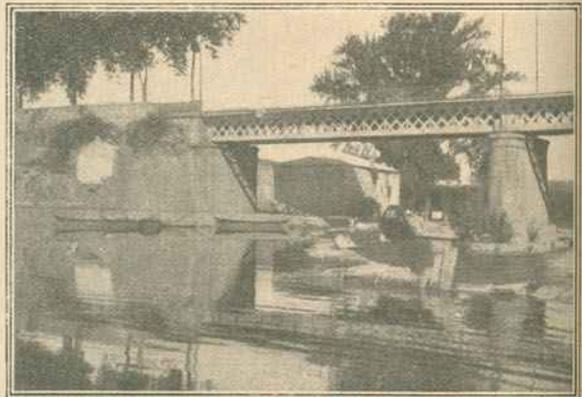
*A água do rio Ave
Passa por baixo da Ponte
Quem quiser o cravo verde,
Ponha-lhe a rosa defronte.*

Nesta época tórrida, em que é de bom conselho ir em demanda de estâncias arejadas e pitorescas, Santo Tirso pode e deve ser um dos pontos preferidos. Nada lhe falta para prender o veraneante. Para mais, celebram-se lá neste Agosto, nos dias 7, 8 e 9, as tradicionais festas da vila, que dão brado muitas léguas em redor. Desconheceis ainda a comunicativa, a saudável alegria que vibra nas folgas minhotas, e que tanto encantava Ramalho Ortigão? Pois ide a Santo Tirso, nestes célebres dias de Agosto, em que as Marias e os Manéis põem lá tudo aquilo em alvorço, nada afectando esta tonalidade pagã a gravidade das cerimónias religiosas que constituem o motivo principal das tradicionais festas de Santo Tirso de Riba d'Ave.



O edificio do Tribunal

Muitos dos seus melhoramentos, promoveu-os o benemérito conde de S. Bento, de quem os naturais, agradecidos, perpetuaram a memória, numa estátua.



O Cais «João Pimentel»

OS PRIMEIROS NO AR

TODOS os grandes vôos efectuados pelos "Açes" Europeus da aviação foram levados a efeito com a Gazolina **SHELL**, de aviação, vulgar sem qualquer outro preparado.

| vôos | DATA | MILHAS | GAZOLINA |
|--|------|--------|----------|
| O primeiro vôo através o Atlântico | 1919 | 1.880 | SHELL |
| O primeiro vôo do Cairo ao Cabo | 1920 | 6.281 | SHELL |
| O primeiro vôo de Londres ao N. de Africa . | 1924 | 1.300 | SHELL |
| O primeiro vôo da Holanda à Batavia . . . | 1924 | 6.580 | SHELL |
| A primeira tentativa ao Polo Norte | 1924 | — | SHELL |
| Mais do que a volta ao mundo pelo aviador italiano De Pinedo | 1925 | 4.000 | SHELL |

A Gazolina **SHELL** para automóveis, vendida em Portugal, contém exactamente os mesmos elementos do que a Gazolina **SHELL** tipo aviação mas em proporções ligeiramente diferentes. Na Gazolina **SHELL**, tipo aviação, estes elementos estão na proporção exigida pelos motores aéreos; na Gazolina **SHELL** para automóveis estão na proporção precisa para responderem aos quesitos dos motores de automóveis e motocicletes.



THE LISBON COAL AND OIL FUEL COMPANY



PETROLEO M. d. F.

HAHN

PARA O CABELO



Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20\$00 FRASCO PEQUENO 14\$00
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: **J. DELIGANT, L. da**
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecidião.

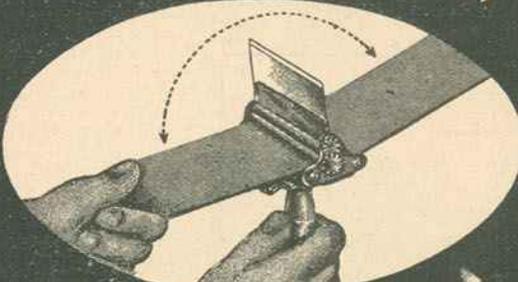
Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

Máquina de barbear

"VALET"

Auto Strop



Economisa continuas despesas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

1^o Dispositivo suavizador que permite dar á lâmina em dez segundos um fio finissimo, sem haver necessidade de retirar á lâmina da máquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial, e custoso.

2^o Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economizando continuas despesas de laminas novas.

3^o A limpeza é extremamente fácil, não havendo necessidade de retirar á lâmina nem de desparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa



A tez clara é um sintoma de boa saude

As más digestões e a prisão de ventre são prejudiciaes á pureza do sangue e, consequentemente, á frescura da pele.

O uso regular do Eno, verdadeiro Sal de Fructa, com uma reputação mundial de mais de 50 anos, corrige as perturbações digestivas e combate a prisão de ventre.

ENO'S "Fruit Salt" purifica o sangue ao mesmo tempo que limpa o intestino, e ajuda, portanto, a conservar a frescura da pele, melhor adorno da beleza.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
Robinson, Bardsley & Co. Ltd.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registradas.

SE QUERE

adquirir um



CINÉGRAFO "BOL"

a única máquina cinematográfica de amator que dá inteira satisfação.

O CINÉGRAFO "BOL" FILMA, faz a projecção FIXA e ANIMADA, tira fotografias, amplia-as e tira os positivos, usando a película dos cinemas públicos. Projecção nitida e perfeita até 10/15 metros de distância.



Concessionario exclusivo para Portugal e Colonias:
J. A. Proença, Rua do Rosario, 215, Porto.

Agente em Lisboa:
Julio Worm, Rua da Prata, 135.

Agente no Porto:
Bazar Fotografico, Rua 31 de Janeiro, 65.

TINTA FAURE

Perfeitamente Preta

Não é ácida.

Não enferruja os aparos,

que por esse facto duram muito mais tempo.

Não cria bôrras

e por conseguinte não é preciso lavar os tinteiros periodicamente e perder tinta.

Seca quási instantaneamente

e evita o uso do mata-borrão.

Permite o uso de aparos ordinários nos stilógrafos evitando a compra dos aparos de ouro que são caríssimos.

Quando pelo facto de ausência a tinta seca no tinteiro, basta deitar água no dito tinteiro para tornar a ter a tinta perfeita.

DEITA-SE UM BOIÃO NUMA GARRAFA DE LITRO
E ENCHE-SE ESSA COM ÁGUA

Tinta fixa cada boião para 1 litro de tinta 6\$00

Tinta comunicativa ou stilográfica para 1 litro de tinta 8\$00

.....

Pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73. RUA GARRETT. 75 — LISBOA

Grip-fix

A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

É a cola mais económica em todos os sentidos e que se recomenda pelo aceio no seu uso.

É apresentada em lindos boiões de alumínio.



Cada boião substitui 5 frascos vulgares de cola líquida.

São elegantes e devem figurar sobre tôdas as mesas de trabalho.

Não se entorna, é do máximo aceio no seu uso, colando imediatamente após a sua aplicação.

PREÇO: 9\$00

Unicos representantes para Portugal e Colónias:

AILLAUD, LIMITADA

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA